A LUSA
BAMBOCHATA
POEMA TRISTE EM VERSO ALEGRE
POR
JOANNICO C. MILA
LISBOA
LITH. GUEDES
EDITORES: TAVARES CARDOSO & IRMÃO - 5 - LARGO DE CAMÕES - 6 -

A LUSA

BAMBOCHATA

A LUSA BAMBOCHATA

POEMA TRISTE EM VERSO ALEGRE

POR

JOANNICO C. MILA

LISBOA
Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão
5, LARGO DO CAMÕES, 6
1885

NO ESPAÇO

Ponhamos um momento o olhar attento e fito,
Na lusa capital de marmore e granito.

DEDICADO

A TODOS OS

PHILOXERAS POLITICOS

DA

PARVONIA

ANTES DO ERGUER DO PANNO

AO LEITOR

Não faço exploração d'escandalos funestos,
Nem fogo de guerrilha aos homens bons e honestos.
Não venho furibundo, em verso excandecente,
Os peitos inflammar d'um povo paciente...
Buscando conquistar, fingindo que me occulto,
Louvores da baixesa, um *nome* pelo insulto.

Politico não sou. Que Deus seja louvado!
Não tenho por industria officio tão gabado,
Que, áparte o que se presa, é bom para quem sonha
Na gloria do intestino ao preço da vergonha!

Não, leitor, não. Detesto, odeio essa *quadrilha*...
Que põe no pobre Zé retranca, albarda e cilha!
E sobre alguns milhões de dorsos indiff'rentes,
Cavalga desdenhosa! Odeio os insolentes
Que arrastam pela lama o vulto esfarrapado
Do velho do occidente ás ancas amarrado!...
E vae, no caminhar da eterna sepultura,
Perdendo membro a membro em horrida tortura!

Detesto, a mais não ser, odeio esses marmanjos,
Que fazem contra nós politica d'arranjos,
De prato, mesa posta... e taça sempre erguida;
Que acirram a vontade á lucta fratricida,
E querem, no porvir, legar-nos como espolio
D'Alcoy ou Cartagena as chammas do petroleo!
Talvez illuminar com rubidas fogueiras
O throno da philaucia em montes de caveiras!

Permitta Deus que não! Que a patria em negro manto
Não chore a orphandade em lagrimas de pranto!
Que o céo da Lusitania expeça contra os Bacchos
Um raio que os desfaça em trinta mil cavacos!

Pintar tantos heroes a tinta duradoira;
Pintal-os em relevo e a traços de vassoira;
Deixar aos do — futuro — em tela colorida...
Da raça do — presente — a récua patricida,
Eis todo o meu empenho.

É putrido, convenho;
Herculeo para mim, titanico, este arrojo,
E arrisco-me, sem q'rer, talvez a pôr-te nojo!
Mas tu tens um remedio, um meio em q'eu concordo:
Não gostas d'este mar? Pois vira-me de bordo...
E reine a desbragada! a sucia barregan!
Trombona-lhe, Gaspar, e vamos ao cancan!
Galopa-lhe, Basorra! Afinfa-lhe, Vallada!
E viva o carnaval! E viva a patuscada!

Eu bem sei que é muito serio,
Sobre a chaga em carne viva
Pôr a brasa do cauterio,
E soffrer-lhe a dôr activa.

Hesitante e muito a custo,
Enterrei no proprio busto
Os espinhos da verdade!
Dei um grito no começo;
Mas emfim, hoje... confesso...
Acho-me mais á vontade.

Coragem, leitor amigo!
No combate ou na leitura,
Se muitas vezes ha p'rigo,
Ha tambem muita bravura.
Se leres a versalhada,
N'este livro rabiscada,
D'um só jacto heroico e longo...
Não serei comtigo avaro:
Vou pedir licença ao *Caro,*
P'ra fazer-te rei do Congo!

CANTO PRIMEIRO

PANNO ACIMA

SYMPHONIA

Mephistoph'les e o Careca
Sobem juntos aos espaços
P'ra dizer coisas da breca
Dos bambochas e devassos;
E nas abas de Monsanto
Vae haver um grande tombo,
Farrapar talvez um manto,
E arranhar um gordo lombo!

SUBAMOS

Vem Mephistoph'les, vem, sobe commigo aos ares,
Vamos a contemplar do espaço estes logares,
«Este jardim d'Europa á beira mar plantado»
Onde cresce o repolho e a divida do Estado;
Este paiz de senso, industria e grandes brios,
Que exporta o gordo boi, se ha de exportar vadios!
Que vende ao fino inglez cortiça nova em folha,
E compra por bom preço a *mesma* feita em rolha!
E busca o phyloxera ao *longe*, muito attento...
Fingindo que o não vê na *vinha de S. Bento,*
Roendo sem cessar, com dente duro e agudo,
Das cepas a raiz, parras, cachos e tudo!!!

Subamos no balão, lá p'ra o pé do Zimborio;
P'ra longe do foguete em dias de vivorio
Do badalo do sino e pregões de cautelas;
Para longe do touro em favor das costelas;
Do mendigo, do cão; do faia das touradas,
De tudo que faz honra á patria das facadas!...

D'alto vê-se melhor tudo que a vista abrange;
E o — GRANDE — que, por cá, faz parte da phalange
Que tudo vae matando em dóses de veneno...
Verás que lá de cima é chato, é vil... pequeno.

NO ESPAÇO

Agora estamos sós. Palremos á vontade;
Saudemos cá de cima a luz da liberdade!
Já que lá pela terra os homens são patetas,
Vinguemo-nos d'aqui fazendo-nos poetas.
Vinguemo-nos cantando em rima chilra e chata
O luso phyloxera e a lusa Bambochata!

Porém, amigo meu, cautela, haja segredo;
Não digas quem eu sou, não digas, tenho medo
Que algum dos beleguins trocistas ou perversos,
Me prenda p'ra ministro ao ler estes meus versos;
E a patria de Camões, pensando então no caso,
Navios fique a vêr no monte do Parnaso!
....
....

A VOL D'OISEAU

Ponhamos um momento o olhar attento e fito
Na lusa capital de marmore e granito;
Cidade sem rival que ás outras mette inveja,
E deve o seu progresso — ao lume da carqueja!
Um voto de louvor ao cofre do *Seguro*
Que salva do fallido a *caixa* em grande apuro.

Princesa occidental sentada á beira-Tejo...
Haurindo o bello aroma aos canos do despejo;
Que as pernas tem por luxo immersas no oceano,
E lava o corpo todo — ás vezes — d'anno em anno,
Entre a casca do nabo e a tripa da sardinha...
E muita coisa mais *cheirosa* do alfacinha!

Cidade, onde o Gregorio, o novo bota abaixo
Põe tudo em *polvaroz*, faz coisas do diacho:
Vira, meche, revira, arranja, faz, desfaz,
Torna a fazer... emfim! moderno Ferrabraz,
Que deixa ao municipio um nome e honrada fama,
Depositos de pedra em pantanos de lama!

Porém o grande feito, o feito do Gregorio,
Não é da capital fazer um purgatorio.
Façamos-lhe justiça: o homem tem um plano
Maior que o de Leixões, maior do que o do *cano;*
Qual plano vem a ser: deixar aos seus herdeiros
Mudados da cidade os nomes e os letreiros.

Qual plano tem por fim — dar corte nos desleixos,
Ser justo, racional, pôr tudo nos seus eixos.
Exemplo: — O Limoeiro... a celebre prisão...
Muda o seu nome antigo em aula d'instrucção,
Aonde o fadistaço aprenda á perna alçada
A com mais pericia o tiro e a navalhada!

Esse ignobil casão, possilga sempre suja
Que Boa-Hora foi... fica sendo — AZAMBUJA,
E o antigo PINHAL que tal nome houve outr'ora,
Será d'aqui p'ra o fim — PINHAL DA BOA HORA!
Aonde o viandante incauto bem precisa
Armado defender bolsa, coiro e camisa.

....

Ha de os nomes mudar, tem fé, eu t'o prometto...
Da Fabrica do gaz, Falperra... e Lazareto!...
Emfim, vae transformar-se em novo o que era velho ;
Passa a ser *Rilhafol* o paço do Concelho...
E n'esta evolução que o Pança toma a peito,
Bem mostra que tem *caco* e faz coisa com geito.

Mas... o que mais me custa, ó vergonha, ó desdoiro!...
É ver um hospital chamar-se — matadoiro!...
O que! Um matadoiro! Ó Rosa! Ó desalmado!...
Não sentes lá por dentro o peito esphacelado?...
Sinto eu. Faço um protesto, energico, potente,
Em nome da mixordia! Em nome d'essa gente
Scientifica, doutora, a quem a injusta critica
Alcunha, sem razão, doutora na politica.
E peço, como paga ao meu viril protesto
Não me mandem p'ra o céo quando eu me vir molesto.

Agora, amigo meu, do nosso posto aéreo...
Olhemos mais ao longe onde o caso é mais serio.
Depois tu me dirás se o quadro é do teu gosto,
Ou devo de pudor cobrir, tapar o rosto.

Vês tu aquelle ancião, d'ar triste, apoquentado,
Scismando com pesar nos tempos do passado,
Quando elle era rapaz, valente e sacudido?
Chama-se Portugal! Coitado!... está perdido!...
Se acaso não achar de prompto quem lhe acuda,
Morre sem remissão de *fallencite* aguda!...
Morre, sim, pódes crêr! Se o calculo não falha
Não deixa nem vintem p'r'á compra da mortalha,
Que o filho *Antonio*, o Caro, a joia da familia,
Deu-lhe cabo dos bens, poz no prego a mobilia!

Egual ao lavrador que dorme a solto somno
Ficou sem os melões... só cascas para o dono!...

....

....

Faz pena vel-o assim, pobre, quasi indigente...
Elle, que foi outr'ora um trunfo omnipotente,
Senhor de terra e mar! Palavra, causa magua
Vel-o no fim da vida a dar c'os burros n'agua!

Morre, sim; mas qu'importa! O esplendor e o brilho
Hão de perpetuar-se em seu illustre filho
O Antonio, o esbanjador! Talvez, talvez que um dia
Por homenagem, preito á grã gastronomia...
A patria agradecida erga ao grande galfarro
Uma estatua de gêsso, em pedestal de barro,
E em letra garrafal, bem gorda — este letreiro:
Os filhos da Parvonia ao mestre financeiro,
Moderno explorador, d'argucia papafina,
Que poz o pae na espinha e os manos á *divina!*

....

....

Em quanto o bom velhote assim se vae finando,
Scismando no passado e no porvir scismando;
E o filho predilecto, o sempre qu'rido Antonio,
Esbanja na bambocha, á larga, o patrimonio,
Passemos em revista o resto da ninhada
Que o velho fabricára em hora malfadada.

Não vês aquella dama em trajos insolentes
Seguida logo atraz d'immensos pretendentes?
A bolsa sempre aberta, a mão sempre estendida,
Portugueza a valer, fresca, bella, garrida,
Com labios côr de rosa e a voz pura, argentina,
Sonora do metal... vês?...

Chama-se a PROPINA!...

Propina! A bella dama! A fada seductora,
Rainha da belleza! a deusa encantadora!
Quando meiga e sorrindo em alguem põe a vista
Adeus justiça e lei! Não ha quem lhe resista;
Nem grande nem petiz; nem blusa nem arminhos,
Nem mesmo o... et cæt'ra e tal muitos pontinhos...

....

....

....

Agora mais além. Vês um homem sisudo,
Vestido com decencia, um tanto barrigudo,
De fita ao tiracol, commendas a brilhar,
Direito como um fuso ou taco de bilhar,
Fallar pausadamente á sucia que o rodeia,
Mechendo no berloque appenso na *cadeia,*
Com ar d'aristocrata e *pose* d'impreitada,
Sorrindo por disfarce ao som d'uma pitada?...
Chama-se o D. Empenho!...
O typo verdadeiro
De quem já foi ministro e agora é conselheiro:
O chefe, o director, grão mestre ou presidente
De tudo onde haja *bago* e possa pôr o dente;
Que busca e sabe achar por algebro systema,
O X da comedéla incognito em problema,
Expondo sempre o caso á laia de receita:
Propina *mais* Empenho *egual* a coisa feita.
Não ha n'este torrão ninguem que o não respeite;
Do luso machinismo *Elle* é mola, *Ella* azeite.

Passemos ao terceiro, áquelle outro burguez
D'um *todo* espertalhão que junto d'elle vês.
Oh! esse... é mais! é tudo! é grande potentado
Que faz d'um badameco um par, um deputado;
E quando está de veia, agarra um boticario
E fal-o sem c'rimonia um alto funccionario.

O EMPENHO

....O typo verdadeiro,
De quem já foi ministro e agora é conselheiro.

Amigo do vadio e protector da pandega,
Faz do Estado uma creche e um asylo da Alfandega!
Faz tudo quanto quer, quer tudo quanto faz...
Na furia do querer, crê tu qu'elle é capaz,
Sem licença da *carta* ou permissão d'alguem
Da pasta dar da guerra ao Jayme de Belem!

Pois esse, meu amigo, esse... chama-se o VOTO!...
Que tem sido e será peor que um terremoto!...
Por onde quer que passa, arrasa, faz caliça —
De casas? Não; da lei, da honra e da justiça!

....

....

São estes da familia os membros principaes
Do tropego velhote. Ha porém muitos mais
Que além te mostrarei. São muitos por desgraça
Filhos do mesmo pae, todos da mesma raça!

Os tres, vamos aos tres, que são quem mais importa,
Agentes immortaes da coisa que anda torta.
Propina! Voto! Empenho! Eis a trempe invencivel,
Que vira, torce e faz possivel o impossivel!...
Com *ella,* amigo meu, por *ella* protegido
Podes, se te aprouver, ser um grande bandido!
Matar n'*amendoeira* um fraco embriagado
Que o jury te dirá: Não, não está provado!...
De rewolver em punho em plena rua ou praça
Tres tiros d'uma vez dar n'um homem que passa!
Que has de ser, quando muito, um *misero sem tino,*
Um LOUCO que matou, mas nunca um assassino!

Pódes falsificar d'um banco nota a nota,
Que o jury não verá nem sombras de batota!
És nobre? és sangue azul? tens armas? um brasão?
Pois credo! quem se atreve, ó réo, a pôr-te a mão!

Se vires gordo emprego ás provas de concurso,
Pede ao Voto uma carta, ao Empenho um recurso,
Que embora sejas tolo, um nescio, um ignorante,
Os *homens* dão-te o *ponto* e a coisa vae avante.
Se deves á Fasenda alta somma em atraso,
Não temas a penhora... o Voto arranja o caso.

Voto, Empenho e Propina,
São como que as tres parcas!
A trempe libertina,
Que os pandigos *monarchas*
Adoptam por systema.
Por foice ou ampulheta,
Qual d'ellas traz á vista
O litro ou a gorgeta
A carta, a bolsa, a lista,
E a morte por emblema!

E tu, pobre paiz! Tu és a grande mina
Que abrigas no teu seio as aves de rapina!
A raça do condor, que mata, esfola e come...
Sem nunca se fartar! sempre a berrar de fome!

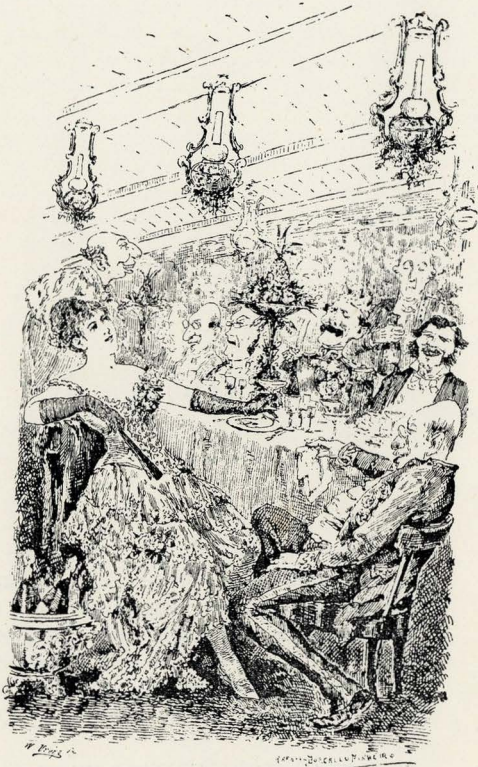
O VOTO

Por onde quer que passa, arrasa, faz caliça;
De casas? não — da lei, da honra e da justiça!

CANTO SEGUNDO

ORGIA A BORDO DA NAU DO ESTADO

ENTRE-ACTO

Juntae nas sepulturas as ossadas,
Antigos portuguezes nossos paes!
Erguei-vos, caras sombras veneradas!
Erguei-vos! Vinde vêr os canibaes,
Que fazem mais estrago c'o as queixadas
Que todos os carniv'ros animaes!

ORGIA

Nunca a bordo da nau, se vio tanto Bazorra,
Nunca tanto glutão, comendo á tripa fôrra!

DESÇAMOS

Desçamos mais abaixo emquanto o vento é escasso,
E vamos mais de perto e attentos, passo a passo,
Na praça a onde a estatua equestre se levanta
Seguindo o movimento ao barco e á Trempe santa;
Ouçamos d'um banquete os vivas e as risadas,
Que os echos vem ferir dos tectos das arcadas.

Tu, que tens o poder maior do que alguem julga,
Transforma-me em mosquito, em rato, ou mesmo pulga,
Seja lá no que fôr, qualquer coisa, mas isto
De modo que eu me occulte e veja sem ser visto.
Quero testemunhar, ao menos um instante,
Como se come o bago ao pobre Zé pagante.

Eu digo — Zé pagante — isto entenda-se bem:
Não fallo do que berra, esse não dá vintem;
É outro... pois ha dois: Zé sério e Zé da chufa,
Um... bufa mas não paga, outro paga e não bufa.

E tu, grande Pombal, que a nau vaes vendo á véla,
Não me percas de vista os que vão dentro d'ella;
De lá, de sobre o arco, em pé, sobre o lioz...
Aprende esta lição que é dada a todos nós,
E dize aos do passado, aos coevos d'outras eras,
Quem são da Parvalheira os novos phyloxeras.

COMO ELLES COMEM!

Lá dentro a mesa posta, em roda a Bambochata,
Dando vivas ao *porto* e aos petiscos do Matta.
São parte do festim, que abrange toda a sala,
Antonio, toda a côrte e a Trempe em grande gala.
Antonio á cabeceira as honras faz da mesa,
Em frente da Propina e ao centro da nobresa.
O Voto e o D. Empenho occupam dos dois lados,
Logares d'etiqueta aos trunfos consagrados.

A festa é deslumbrante! O luxo é d'espantar,
Não visto nos festins do Nero ou Balthasar!
Os bronzes, os crystaes, velludos e alcatifas,
Metteram n'um chinelo Alhambras e Califas.

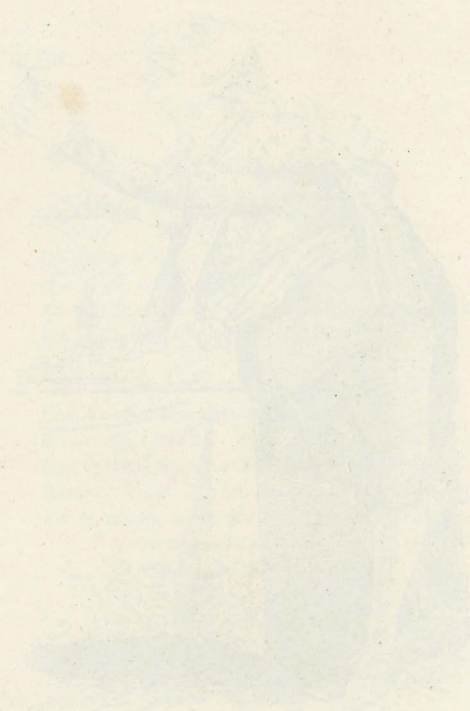
Rodam com profusão *champagnes*, malvasias;
A mesa regorgita em ricas iguarias.
O Matta da finança, o grande Topa-a-Tudo,
Serviu em pratos d'oiro, o prato mais chorudo,
Que o nobre syndicato, em honra do paiz,
Mandou de Salamanca e teve *bis* e *tris*.

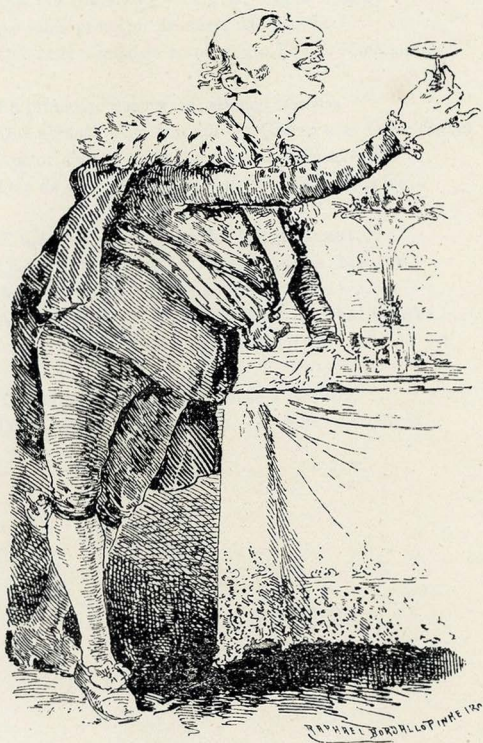
Não falta ali ninguem. Nenhum representante
Da fauna parasita e classe ruminante
Deixou de compar'cer. Nos brodios das finanças,
São provas ao concurso os dentes mais as panças.

Nunca a bordo da nau se viu tanto Basorra,
Nunca tanto glutão comendo á tripa forra!
Algum já na poltrona impado se recosta,
Repleto como um odre, a cara descomposta,
O olhar incerto, vago, a beiça gordurenta,
E a calça a rebentar! deitando pela venta
Brumosas espiraes d'alcoolica fumaça,
Como d'um alambique ao distillar cachaça!

Findara a comesana. Agora as mil saudes;
O vinho d'alto preço emborca-se aos almudes!
Corre de taça em taça a pinga principesca...
Cá fóra, quando muito, o copo d'agua fresca.

UM BRINDE

Do ponche a flamma azul tinge o rosto ao Zumbaia,
Que vesgo, um tanto torvo e a voz meia cambaia,
Ao som de muito applauso, erguendo a mão e a taça,
Um brinde faz assim cheio d'encanto e graça:

— Ao passo que lá fóra a deusa do progresso,
Com basofias de senso esmaga o retrocesso,
E tudo que é feudal... n'este canto do mundo,
Que Portugal se chama, ha senso mais profundo,
Razão... coisas... e tal. Senão... lá vae um exemplo:
Por lá, mata-se o *cão,* por cá ergue-se um templo
Ao proximo calote,
Á deusa da folia,
Que tem por sacerdote,
O Voto & Companhia!

E a quem se deve, a quem? todo este regalorio,
Senão a ti, Antonio, a ti, grande finorio,
Que o povo desarmaste e ao bago abriste a mão,
Palmando-lhe a espingarda e dando-lhe a inscripção!
E quando elle se meche inquieto p'lo futuro...
Tu dizes-lhe de cá: ou quieto!... ou não dou juro.
De modo que o burguez, embora odeie albardas...
Em vendo o bago a arder, não veste calças pardas.

O ZUMBAIA

Ao som de muito applauso, erguendo a mão e a taça,
Um brinde faz assim, cheio d'encanto e graça:

Eu brindo ao grande vulto, ao espirito severo,
Que poz o pescador — sem sal — egual a zero!
Ao sabio protector da classe não egoista
Que pede o imposto ao trigo, e o Zé que coma alpista!

Eu brindo ao gigantesco, elastico fagulhas
Que abrange n'um *braçado* — a *Guerra* e as *Obras Pulhas;*
Auctor d'uma reforma — a bem dos *fardalhados,*
Que dá tres capitães, ou mais, p'ra dois soldados!

E tudo pelo amor que todos lh'inspiramos!...
Que mais queremos nós? Bebamos pois, bebamos:
Ao pandego Bambocha! ao inclito Pachá!...
Ao rei da tranquibernia! Hourrhá! hourrhá! hourrhá!
! !

Tiniram-se os crystaes, soltou-se a berraria,
D'um bordo e d'outro bordo — os puns! d'artilheria!

ANTONIO AGRADECE

Antonio commovido aos hourrhas logo acode,
As lagrimas tombando aos pares no bigode,
O qual largando a graxa, a untura que o faz moço,
Lhe tinge em negro o queixo e o lenço do pescoço.

«Penhoram-me, ó Zumbaia, as glorias que me apontas;
Se hei de um dia prestar de tudo sérias contas
Has de então conhecer quanto o paiz me deve;
Mas... se elle não viver...

«Que o pó lhe seja leve!»
Responde a Bambochata em côro e rindo em troça!

Q'ria Antonio palrar, dando expansão á bóssa,
Quando um berro do Voto estoira de repente
Que poz em sobresalto a bordo toda a gente!

«Quem foi que ousou aqui pôr mão no meu pennacho?
Quem foi que se arrojou?! Que o diga já, que o racho
De meio a meio, assim! Com doze mil navalhas!
(E quando assim fallou, fez um copo em migalhas!)

O quê! pois foste tu, bronco Zumbaia
Que vestes por despreso um manto em vez de saia?!
Foste tu, arlequim, bobo, jogral do paço
Que deves esse arminho á curva do espinhaço?!

Atreves-te a negar, parvonica fuinha,
Que a gloria da Bambocha, a gloria é toda minha?!
Quem é que mais do que eu serviços tem prestado?
Quem é que põe, dispõe, livra ou faz o soldado?!

Quem é que faz mecher toda esta geringonça
E a machina girar, velha, pesada e rонça?
Quem diz ao Escrivão, que tem a vista pessima,
Onde é que ha de inscrever, tirar ou pôr a decima?
E ao jurado, ao juiz, quem se vae sempre impor?
Dize lá, não sou eu?...»

«Mais eu, se faz favor.»

Exclama o grave Empenho azedo já da historia;
Quero aqui o que é meu... visto que falla em gloria.
Quando o Voto pretende impor-se contra a lei,
Nada póde sem mim. Sou eu portanto o rei!»

«Sou eu! brada o pimpão, na mesa dando um murro!

— O Voto é malcreado!...
— Vossa Excellencia um burro!
— Retire-me esse burro!...
— O burro?... Não retiro!
— Pois bem! haja duello!... e hade ser a tiro!

ANTONIO ESQUENTA-SE

Estavam n'este ponto os dois rivaes do brodio,
Quasi que transformando antigo amor em odio,
Quando Antonio, de pé, sério, teso, imponente,
Como actor de tragedia em scena commovente...
Prevendo que a reinata acaba em reboliço,
E pondo a mão no sceptro e a c'rôa no toitiço,
Diz em voz de falsete:
«Ordem! ou chamo as tropas!

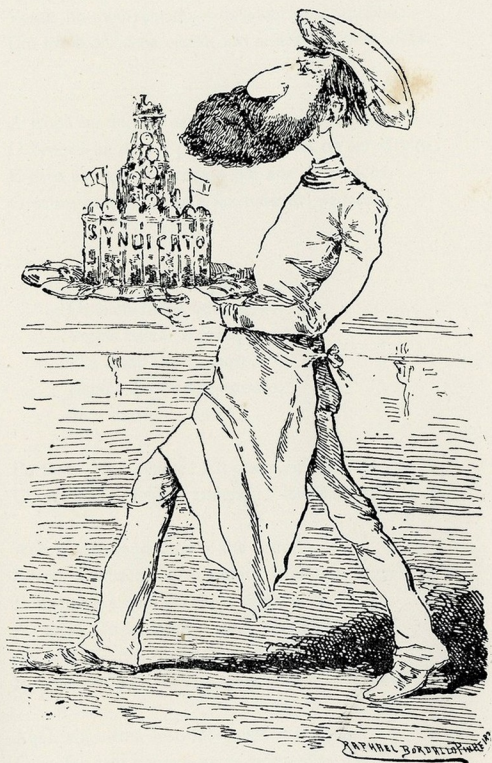
Se esta c'rôa de rei não é d'um rei de copas...
Se este sceptro não serve aos outros de debique,
Exijo mais respeito... ou metto a nau a pique!...

Pois que! digo eu tambem! quem me ousa disputar
N'esta real bochecha o d'reito de reinar!?...
Quem póde mais do que eu dispor da posta gorda
E a todo o reino impôr magra ração d'assorda?
Dizei, a quem deveis vós outros a fartura
Que a patria pôz no prego e o Zé na dependura,
Senão a mim, a mim!? Dizei, raça d'ingratos,
Por quem tenho engulido o fel dos desacatos,
Do lapis, do theatro, e até das mascaradas,
Expondo-me esta c'roa ao riso e ás assuadas?!

Por vós tenho affrontado apupos desbragados;
Chamam-me patricida e outros nomes safados!
E qual a recompensa a todos estes damnos,
Ataques sem ter fim, de gregos e troianos?...
Dizei, bravos caudilhos!...
Foi dar dois pontapés nos meus reaes fundilhos!

Pois bem, por esta vez, quero, vou ser clemente,
Dar provas de favor dignas d'um rei decente:
Dou-lhes o meu perdão. Mas p'ra outra, cuidado,
Senão, podemos ter todo o caldo entornado.

E já que vem a pello e as mãos tenho na massa,
Oiçam-me emquanto estou de veia p'rá chalaça.

Querem que o brodio ature e reine a patuscada?
Querem viver á grande, á tripa regalada?
Só temos um caminho: inteira disciplina;
Sejam todos por mim, Voto, Empenho e Propina,
Que emquanto eu fôr o rei, ter hão de com certeza,
A mesa sempre posta e a posta sempre á mesa;
Ajudem-me, que eu juro, em breve, em curto praso
Dar cabo da futrica e pôr tudo isto raso!

O Matta da *finança,* o grande Topa-a-Tudo,
Serviu em pratos d'oiro, o prato mais chorudo.

Eu tenho no bestunto, alto plano d'arromba,
Que me hade sustentar na *pasta* sem maromba.
Vereis no meu reinado — uma obra de capricho:
Um *nicho* em cada canto, um *ventre* em cada *nicho*.

A tropa ha de, por nós, *mantel-os* em respeito;
O branco ha de ser preto, o torto ha de ser d'reito;
E caso alguem se atreva a pôr-nos embaraços,
O sabre sahe p'rá rua e faz tudo em pedaços!

Ao meu poder immenso,
Os homens de bom senso
Vereis baixar a grimpa;
E a *caixa* do thesouro,
Depois do grande estouro,
Será varrida e limpa!

Portanto, eia! ávante! Eu quero, mando e posso!
Comei, bebei, folgae, amigos... isto é nosso!»

Antonio foi saudado em alta gritaria,
Recresce a bachanal, o gaudio, a grande orgia!
Entorna-se a vinhaça em ondas p'la toalha,
As taças vão ao tecto e tudo s'escangalha!
Os *hips* são delirio, os vivas não tem fim,
Rompe o hymno da Carta em honra do festim!

Aqui, ali, além, destroços mais destroços,
Garrafas sem gargalo entre montanhas d'ossos;
Calices já sem pé, cadeiras reviradas,
Nodoas por toda a parte, alfaias estragadas;
E n'esta confusão, por baixo das poltronas,
Pastas, fitas, brasões, commendas e dragonas!

E assim se come e bebe á mesa do orçamento
Sem dar ao pobre velho a tregua d'um momento!
E assim navega a nau do Estado abençoada!
Ao leme vae a Trempe, á prôa a gargalhada,
Piloto um cancanista, um parvo o passageiro...
Tendo por commandante um *clown* de pandeiro!

MUTAÇÃO

Á BEIRA MAR

Ouçamos o *pae nobre*, o Solitario,
Sentado junto ao mar que aos pés lhe anceia,
E triste, como a cruz do campanario
Que em sombra se projecta sobre a areia.

Sentindo as infinitas gargalhadas,
Que a brisa traz — de *bordo* — o bom do *Centro*,
Recebe-as, como a tantas marretadas,
Que, bronzeas, vem metter-lhe os tampos dentro!

Então, erguendo os olhos do granito
Que a vaga esbofeteia, erguendo a fronte,
Dizendo vae aos astros do infinito,
E ao *queijo* a balançar-se no horisonte:

Scismando com pesar nos tempos do passado.

«Alveja tanta estrella nas alturas,
Campeia tanto raio scintillante,
Só eu não tenho luz, ando ás escuras...
Tropéço, caio e gemo a cada instante!»

«E dizem que ha remedio para as dores,
Alivio, linitivo ao soffrimento?...
Mentira! Para mim sómente horrores,
E nada que minore o meu tormento!»

«Que foi que me valeram as fumaças
Dos nobres valentões navegadores?
Dos Gamas, dos Cabraes e mais barbaças,
Se tudo foi p'rá casa de penhores?!...»

«Que foi que me valeu ter conquistado
Nas plagas d'além mar tanta floresta?...
P'r'ágora vêr-me pobre, escavacado,
E ser das mais nações tambor de festa!?»

«E dizem que ha remedio para as dores,
Alivio, linitivo ao soffrimento?...
Mentira! Para mim sómente horrores,
E nada que minore o meu tormento!»
....
....
....
....

Eis surge um vulto estranho dos escombros,
Da pinga um tanto alegre, mas decente,
Que, leve, a mão lhe pousa n'um dos hombros,
E falla d'este modo e mansamente:

Que tens, que assim te vejo
D'ar triste e pensativo?
Se soffres, eu desejo
Ser util quanto possa:
P'ra todo o curativo,
Amigo, tenho a bossa.
Se o mal é d'algibeira,
Pespega-se o callote,
E viva a patusqueira!
Se d'alma... um outro rumo:
P'ra males d'esse lote,
Só ha da uva o summo!
....
....
....

Se a lucta, velho, é enorme,
Se a esp'rança te esmorece,
Bebe! Quem bebe dorme,
Dorme! Quem dorme esquece!

Bebe! Pois eu supponho,
Se n'alma existe a f'rida,
Que o vinho é paz, é vida...
E a vida, um curto sonho!

A vida é como a vaga
Que em flocos se esphacela;
A vida é luz da vela
Que o vento assopra e apaga.

É bomba de foguete
Que aos ares sobe a prumo;
Estoira, e feita em fumo...
Das brisas é joguete!

É vã como a chiméra,
Falsa como a mentira;
É qual sabonea esphera,
Que apenas sobe... expira!

Tragedia ou mascarada,
Alegre ou d'ar medonho...
A vida é como um sonho,
E um sonho, amigo, é nada!

....

....

....

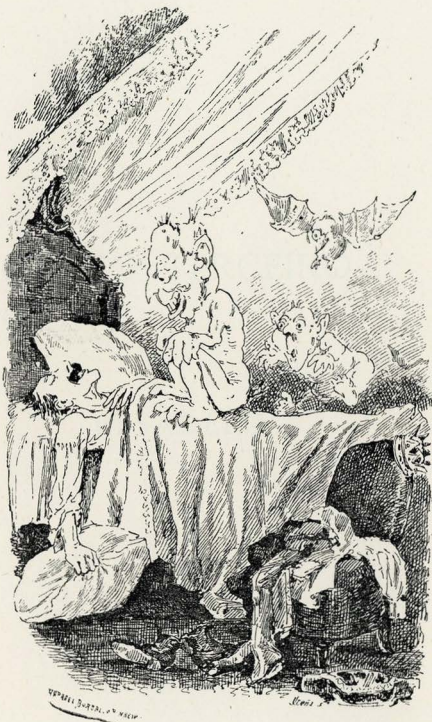
Nasci na velha Roma
Dos Brutus e Tiberius;
Senhor fui dos Imperios
D'Europa e de Mafoma.
Eguaes nossos destinos:
O meu foi — a derrota;
Levei a cambalhota
E fiz-me valdevinos!

Consola-te, collega,
Não percas a cachola;
Deixa girar a bola
E vamos ao — *d'adega.*
Se aqui tens *phyloxeros,*
Politicos farçantes,
Eu, lá, tive tratantes,
Caligulas e Neros!

Abraça-me e sejamos
Os Pyllades e Orestes,
Até que dos cyprestes
Á sombra nos sumamos!

E juntos, lá n'um canto,
Desçamos á guarida;
Miseria repartida,
Soffrer não custa tanto.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Emquanto sobre a rocha
Se passa este episodio,
Os *hourrhas* lá do brodio
Não cessam da Bambocha!
E o — *Loiro* — ao pé do arroio,
Cercado de farçolas,
Atira ás galinholas
E acerta n'um saloio!

Escuta, ó confraria,
O sonho d'um confrade em noite d'agonia.

CANTO TERCEIRO

PESADELO

OITO COMPASSOS

Coitado! Faz pena vel-o!
Nem parece coisa humana!
Ponde-lhe kilos de gelo
Na nuca. Dae-lhe a tisana;
Mas cuidado, que o cabello
Não perca a *circassiana*...
E depois se não pareça
O bigode c'o a cabeça.

Um lugubre phantasma, em alva de precito,
Avança, avança, e diz: levanta-te, maldito!

NA CAMA

Como alarve brutal que mette no bandulho,
Sem conta nem medida o vinho e o sarrabulho...
E quasi a rebentar sente o suor gelado
Correr-lhe pela fronte; e pallido, anciado,
Mal póde ter-se em pé; vacilla, cambaleia,
Em busca d'um apoio, em busca d'uma ideia
Que o salve e o leve a bem... assim se foi da festa
Antonio á casa sua. Oh! pandega indigesta!
Oh! noite tormentosa! Ergue-se-me o cabello
Sómente ao relembrar o horrivel pesadelo,
Que *Elle*, ao precito egual que ouve dobrar o bronze...
Sentiu depois das dez, mas inda antes das onze!

Ó velha confraria, ó seita da pançada,
Ó luso comilão da tribu Bazorrada...
Mira-te n'este espelho! Aprende a ter cautela,
Com porco, com pepino e toda a bresundela.
Se queres, alta noite, em paz, dormir tranquillo,
Não deixes que o rijão te alcance o gorgomilo;
Se o dedo lhe chegar... basta, basta... senão...
Como *elle* has de sentir o effeito do rijão!...

Mira-te n'este espelho. Antonio, o bravo Antonio,
Soffre n'este momento apertos do demonio!

E o sonho! e o pesadelo! Escuta, ó confraria,
O sonho d'um confrade em noite d'agonia.

A scena é a de bordo! O céo chumbado e baço;
Os krupps e os trovões retumbam pelo espaço.
O mar encapellado, além por entre a bruma,
Empina-se e referve em turbilhões d'espuma!
O vento sibilando, indomito, raivoso,
Como orchestra do inferno em fremito espantoso,
Parece o percursor d'immensa catarata
Que vae lamber d'um trago a nau e a Bambochata!

Como alpina *avalanche* aos gritos provocada
D'incauta caravana, irrompe em derrocada,
Derruba, esmaga, arrasa aldeia sobre aldeia,
Levando o horror e a morte a tudo que a rodeia...
O céo, a terra, o mar, trovões e ventania,
Revoltam-se d'accordo aos berros d'uma orgia!

Debalde o commandante, em pé, no seu puleiro,
Se farta de berrar com voz de cauteleiro:
«Ao mar! Um ferro ao mar!»
Debalde, a tempestade
Recresce em toda a furia, augménta em magestade!

Os cabos um por um rebentam das amuras,
Vergas e mastaréos desabam das alturas!...
O leme desgoverna, o barco vae á garra,
Já tudo é confusão, desordem, algasarra!
«Ao mar! um ferro ao mar!» repete a peito aberto!
Mas tudo, tudo em vão!... foi brado no deserto!...

Ao longe ouve-se um côro, unisono, imponente,
Como o rugir do tigre aos antros da torrente.
E um lugubre phantasma em alva de precito,
Avança, avança e diz: «Levanta-te, maldito!...
Chegou-te finalmente o instante do castigo;
Ou trata de safar-te, ou fazem-te n'um figo!

Não sentes da berrata o enorme trovejar?...
É o Zé que se revolta e atira a albarda ao ar!
A populaça, em furia, acode á patria exangue;
Revolvem-se as paixões talvez tintas em sangue,
E tu, maldito, e tu, auctor d'esta desgraça,
Finges tranquillidade e ris da populaça!...
Que bruto que tu és!
Ri, meu Antonio, ri,
Emquanto o povo entoa: «*enfants de la patrie*»
Mas se elle te chegar
A pôr na carne o dente,
Na cama has de chorar
Por ser logar mais quente.

E foi-se. Espavorido, Antonio corre á toa,
Procura mas não acha o sceptro nem a c'rôa.
O momento é supremo! Urra, braveja, escarva,
Tem os pés dentro d'agoa e agoa pela barba;
Quer salvar-se, fugir; faz signaes para terra,
Agarra o porta-voz e berra! e berra! e berra!...

O panico é geral, horrivel o barulho!
Cada qual quer safar-se a nado ou de mergulho.
Como as amphibias rãs, que saltam para o charco
Ao verem vulto estranho... alguns saltam do barco.
Basorra, por cautela, amarra na cintura
A pasta como boia, e deita-se á ventura.

Teme-se o fogo a bordo, augmenta o susto e o medo,
O barco vae bater, não tarda, n'um penedo.
«Salve-se quem poder em quanto a nau não arde!»
Bradava o commandante.

É tarde! é muito tarde!
A immensa voz do côro uniu-se á da procella,
O raio faz clarão, rompe-se ao fundo a tela,
E a massa popular, á luz da polv'ra accesa,
Entra a passo de carga, ao som da Marselhesa,
Armada de chanfalho, ou chuço ou d'espingarda,
Trazendo por bandeira o resto d'uma albarda!...

Da fila da vanguarda, um vulto venerando,
Pallido como a morte e a negra côr trajando,
Depois d'impor silencio ao bando impertinente,
Solemne os braços crusa e diz pausadamente:
«Propheta do destino, o povo disse um dia:
Antonio, és um asno!»
E eu bem o sabia.
Sabia. Mas d'um pae o amor é sempre cego;
Só vi que me afundava... ao vêr-me já no pego.
Perdeu-me tanto amor, confesso o meu peccado;
Se um castigo mereço, eis-me emfim castigado!

Não quizeste, ó mau filho, ouvir os meus conselhos,
Dictames da razão, da pratica dos velhos...
Pois bem, agora é tarde! Eu vejo o esquife aberto,
E a morte aproximar-se. Ao vel-a de tão perto,
Em antes de partir p'ra o poiso derradeiro...
Dize-me, paspalhão, dize-me trapaceiro:
Que é feito dos meus bens? Que é d'elles os thesouros,
Que herdei dos meus avós p'ra dar aos meus vindouros?
Foram-se na bambocha, e pouco existe ou nada,
Nem mesmo p'ra comprar, talvez, uma pescada!...

«Salve-se quem poder!» É tarde!... é muito tarde!...

Foram-se nos festins, cruzados e *amarellas*...
Se não ha que comer... p'ra que quero eu panellas?
Vende-as, vende-as tambem. Não tarda que a penhora
As venha aqui buscar e as leve porta fóra!...
Quem sabe se ámanhã verei pôr os escriptos
Nas portas do solar! Quem sabe se os malditos
Lords of this country, heroes da falcatrua,
Virão sem dó de mim pôr-me os cacos na rua!...

Tudo, tudo se foi! Nada tenho de meu!
Maldito sejas tu, pintado camapheu,
Chéché do carnaval, boneco de sabugo,
Que a patria pões em p'rigo, em p'rigo *d'outro jugo!*
Que folgas e que ris na crapula, no vicio,
Fingindo que não vês o horrivel precipicio,
O fundo tremedal que engole em turbilhões,
Caligulas de Roma... e outros comilões!

Não sentes o sussurro, o grito demagogo,
Que o povo solta infrene ao vêr o *barco* em fogo?
É obra da bambocha! A flamma da aguardente
Que ardeu durante a orgia... — ateou-se de repente
Ao alcatrão da nau! E os réos do fogo posto,
Attonitos d'um crime, eil-os que voltam rosto:
Ao rubido clarão do *casco* incendiado...
Lá fogem um por um!... lá vão todos a nado!

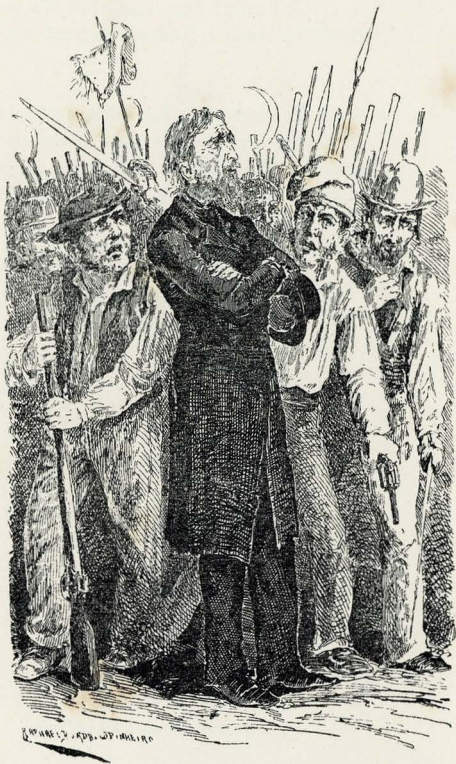
Pede agora ao Empenho, ao Voto que te valha,
Propina, que te arranque ás garras da canalha,
Nome que tu lhe dás. Brada, brada aos soldados
Que atirem sobre o povo! Aos páreas *albardados*
Filhos do lavrador, sobre quem pesa a carga,
Tributo da mochila, o fél da vida amarga;
Brada, mas brada em vão, que as *Sniders* d'El-Rei
Só matam quando o Zé não vota contra lei!

Adeus. Já que cheguei de tal deshonra ao cumulo,
Vou levar a vergonha ás sombras do meu tumulo.
Se a maldição d'um pae, d'um pae quasi proscripto,
É coisa que te abale... adeus!... e sê maldito!»

Saía encavacado o bom do velho, eis quando,
Da massa popular um homem avançando,
E raios expedindo olhando p'ra o carrasco,
Callosa a mão lhe estende, a mão e n'ella um frasco.

«Toma, toma, lhe diz; este santo elixir
Que da Phrygia nos veio... é a vida, o porvir;
Toma, talvez que a patria inflammada d'amor
Te veja resurgir como outr'ora o valor.»

O velho, que abanou tres vezes a cabeça...
Responde tristemente: «Ah! não, não creio n'essa.
Amigo, patria, amor... são meros palavrões;
Esse amor está murcho... em gélidos *frontões!*...
Ninguem o estima já. Foi moda, mas antiga;
O amor da patria d'hoje... é estomago, é barriga.

Nem creio no elixir, amigo, tem paciencia...
Mas emfim, uma vez... por simples experiencia,
Que posso eu perder? nada. Acceito agradecido;
Isto, assim como assim, de todo está perdido...
Dá cá.
E mal d'um trago emborca a tal michordia.
Antonio cae-lhe aos pés pedindo mis'ricordia!...
Que o velho escalavrado, o Portugal exhausto,
Ao vêr-se um mocetão como o pimpão do Fausto

Depois d'impôr silencio ao bando impertinente,
Solemne os braços crusa e diz pausadamente:

Arranca do chanfalho... e agora é que são ellas!...
Narizes pelo chão, dores pelas costellas,
Aqui d'El-Rei d'aqui! aqui d'Elrei d'ali!...
Gritos, fuga, encontrões!... Deus! que charivari!...

Na rocha, a pobre nau desfez-se em mil hastilhas;
O mar abrira o seio aos naufragos pandilhas...
E o sol, pela manhã, chorou ao vêr com magua
As pastas ministraes boiando á tona d'agua!...

Tu nunca viste um navio
Naufragar contra as escarpas,
Quando o mar urra bravio
Como um toiro á dôr das farpas?

Quando o vento sul uivando,
Nos mastros, nos escovens,
Parece um faminto bando
De nunca repletos cães?

E o relampago no escôlho
Refusila em vivo jogo,
Como se o céo fôra um olho,
A piscar raios de fogo?

Nunca? Pois bem, p'ra que possas
Dar valor ao mistiforio,
Leva um cento de carroças,
Das do lixo, do Gregorio;

Vae á praça das arcadas,
Onde impera a ministrada,
E sobe uma das escadas
Que vão dar á *nicharada;*

Entra. Empilha o que encontrares:
Chefes, continuos, porteiros,
Democratas, titulares,
Mesas, bancos e tinteiros;

Corre tudo nicho a nicho,
Nada me deixes de banda;
Homens, papelada e lixo...
Agarra, mistura e manda.

E d'essa pedra afamada
D'Alvidrar, por entre as fragas,
Chimpa toda a cangalhada
D'uma vez d'incontro ás vagas.

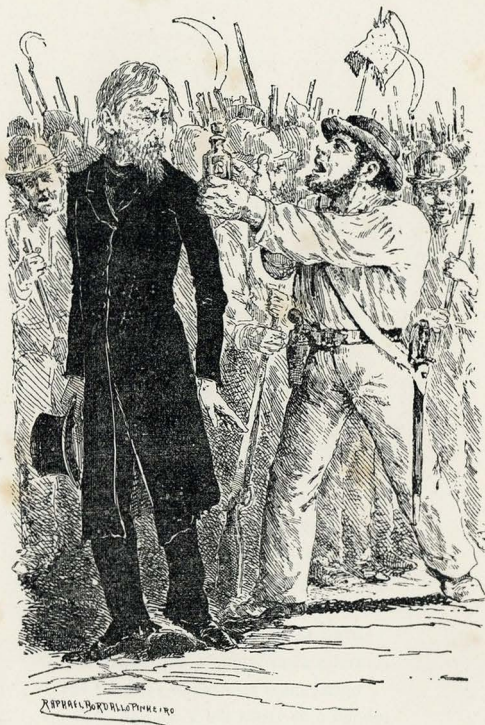
Que ao zunir do vento irado,
Has de vêr de sobre a rocha,
Como na tela pintado,
O naufragio da Bambocha!

Esse naufragio tremendo,
Quadro horrivel e medonho,
Que o pobre Antonio está vendo
Passar nas ancias d'um sonho!

CANTO QUARTO

(CONTINÚA O SONHO)

SURDINA NA ORCHESTRA

Nem sempre n'este mundo a vida é mar de rosas,
Nem sempre tudo arminhos;
Ha n'ella matagaes, veredas pedregosas,
Aonde o caminhante
Se fere a cada instante,
Em asperos espinhos.
Depois d'uma pançada, os monstros, os vampiros
Que em sonhos passar viste!
Depois da gargalhada, as ancias e suspiros,
As scenas dos horrores,
As lagrimas e as dores...
Antonio, a vida é triste!...

Callosa a mão lhe estende, a mão e n'ella um frasco.

NÃO VAE D'ESTA

Tenho visto acabar tanto prestigio,
Finar-se tanta gente proveitosa!
No pélago da vida procellosa,
Morrer na flor dos annos tanta esp'rança!
E visto tanto cedro altivo e forte,
Varrido p'lo tufão, soltar um ronco,
Curvado estallejar, partir o tronco,
Servir para a fornalha de pitança!...

Tanto astro tenho visto fulgurante,
Sumir-se para sempre em densa treva;
Tanto genio, que a parca, ceifa e leva,
P'rás sombras esquecidas d'um jazigo...
Só dado não me é vêr sumir-se o bando,
D'audazes gafanhotos, cuja praga,
O solo infesta, arrasa, tudo estraga...
E vive impunemente e sem castigo!...
. . . .
. . . .

E morre o patriota,
O sabio d'alta nota,
O honrado cidadão!...
Mas *Elle?* a boa peça?
Não tenham medo d'essa!
Não vae nem a canhão!...

....

....

Não quebra o vaso ruim, lá diz o certo adagio,
Nem morre um paspalhão nas ostras do naufragio.
O deus do Carnaval, no limo das marés,
Com suja mão proteje os *clowns* e os chéchés!

E o cholera sorri, emquanto o mundo pasma
Ao vêr surdir do lôdo o putrido miasma
Da lusa porcaria! o celebre microbio,
Que mata a Parvalheira em dejecções d'opprobrio

Antonio não morreu, engorda na opulencia,
P'ra gloria do festim, do queixo e da fallencia.
Nenhum morreu tambem dos sucios bacchanaes,
Que os grandes comilões são todos immortaes!

O povo da cidade,
Sabendo o caso triste,
Inquieto, não resiste,
E corre pela encosta,
P'ra vêr a nau do Estado,
Que veio, ao fim do bôdo,
Nas ostras e no lodo,
Da praia dar á costa.

Quem póde o triste quadro
Pintar dos naufragantes?
Dos gritos consternantes,
Da lucta sobre as vagas?
Da scena dos destroços,
Que o mar arroja em furia;
Do drama da penuria,
Passado sobre as fragas?...

As rubras labaredas,
Que a nau flammeja intensas,
Formando nuvens densas,
No céo se vão grupando;
Na praia, um nobre velho,
Transido de desgosto...
De pejo tapa o rosto,
O rosto venerando!

E o sol, por entre a névoa,
Rompendo vagaroso,
Tristonho, pesaroso,
Em luto verdadeiro...
Parece ouvir de cima
Os gritos de soccorro,
D'Antonio e do Basorro,
Mettidos no atoleiro.

Antonio, p'ra salvar-se,
Nadando corta as ondas
C'o as ventas hediondas,
Esqualidas, frementes!...
O naufrago estadista
Em Cezar se transforma:
Na mão traz a reforma,
E o *deficit* nos dentes!

A pasta que o Basorra,
Temendo da tramoia,
Pozera como boia
Em volta do bandulho...
Ludibrio das lufadas,
Lá voga d'agua á tona,
Moída da tapona,
Cançada do mergulho.

E o triste naufragante em paroxismos,
Não tendo já na boia esp'rança alguma,
Ou desce como um prego p'ra os abysmos
Ou ergue a fronte calva sobre a espuma.

Valeu-lhe o Vander-Laan, que á pescaria
Andava dos bichaços sobre a roca,
Que ao vel-o debater-se n'agonia
Cuidara vêr o dorso d'uma phoca!

Ó sabios academicos ungidos!
Que valem tantas cartas, tantos cursos,
Se ao gato chamaes lebre, e presumidos
Tomais por simples phocas grandes ursos!
....
....

BERNARDA

Apenas Portugal na nuca poz o phrygio,
Que bulha pelo bairro, amigo, que prodigio
De loucas pretensões!
E o caso não é novo!
Ninguem póde conter os impetos do povo,
Que pensa ter achado á sombra do *barrete*
O meio de levar as coisas a cacete.

Quer que o velho systema emfim seja invertido;
Servir ninguem já quer, tudo quer ser servido!
P'rás redeas da nação, qualquer se crê cocheiro;
Não ha senão patrões... ninguem para caixeiro!
Recorre-se á navalha, ha murro d'estafar...
E n'agua que vae turba agora é que é pescar!

O nobre sem nobresa, involto na *bernarda*,
Combate com ardor em prol da velha albarda!
O padre, erguendo a cruz, o potro, a gargalheira...
Quer almas para o céo nas brasas da fogueira!
O sangue corre a jorro, abriram-se os esquifes,
Não ha Roque nem rei; não ha senão patifes!
O Zé quer a licença, o padre... a crueldade,
O nobre a escravidão... nenhum a liberdade!!!...

Antonio foi pescar com redes, com anzoes...
Mas ai! que d'esta vez metteu-se em maus lençoes.
Á frente dos do *Carmo* em grande cavalhada,
Berrando gesticula, impunha e brande a espada;
Mas eis! de cada canto, avança contra o Boum
A troça dos pimpões, Marats do pim pam pum...
E agora m'o verás!
É fogo! e zumba! e trás!

Ó sorte como és varia, injusta em teu capricho!
Cruel! que não poupaste um Marte de rabicho!...
No jogo da tapona o triste foi um tumba,
Um martyr da *bernarda!* A pelle d'um zabumba,
Em festa d'arraial, não leva tanto estoiro,
Como *Elle* por detraz levara em todo o coiro!
....
Que exemplo a quem do mando o grão pennacho aspira!...
Pastas, brasões, poder, gloria... tudo é mentira;
É fumo que se espalha aos ventos do revéz;
D'argila estatua vã... desfeita a pontapés!...
....
....
Cercado pela turba e preso pela golla,
Lá vae, desenganado, aos ferros da *gaiola*,
Aquelle cujo sceptro impoz por largos annos
Arreios d'azinino aos bravos lusitanos!...

Vae, ó misero, vae; percorre o teu destino,
Como esse lazarento imbel' do Tolentino.
Se o rei dos animaes que a fabula apregoa,
Levou depois de velho a pata pela proa,
Não pasmes se outro pé sentires, ó guerreiro...
São *festas* do albardado em honra do albardeiro.

Arranca do chanfalho, e agora é que são ellas!

CARNAVAL

É dia ao velho Momo dedicado,
Á crapula do entrudo, á funcçanata;
Expande-se ao ar livre o mascarado,
Rebentam catadupas de berrata;
Saraivam dos tremoços os granisos,
Não cessa o tilintar de muitos guisos.

Campeiam pelas praças os lacaios.
Os lusos capatazes da bodega,
Vestidos de mulher vomitam paios;
O *Alonxo* do barril, freguez d'adega,
D'espirito despeja as baforadas,
Que sae por onde entraram as *canadas*.

A gorda colareja, arregaçada,
Frenetica retine as castanholas;
Ao lado, ao som da banza aguardentada,
Um lorpa faz um frete de *graçolas*,
E juntos vão dançando o pirolito,
Cheirando a casco novo e a peixe frito.

A Pépa da matricula moderna,
Tocando a pandeireta, vae dançando,
Nas upas do *can-can* mostrando a perna
E a plastica vulgar de contrabando,
Que o lubrico basbaque alegre espia
E em gestos de macaco lhe aprecia.

O classico chéché, mais divertido,
Áquelles com quem anda de quisilia
Mostrando vae um chifre retorcido,
Herança que lhe veiu da familia.
Não ha nem uma cara entristecida,
É tudo animação, é tudo vida;

Applausos ao combate do ôvo chôco,
Risadas, vaias, chufas, pragas, gritos;
Exclama-se: ó da guarda! chove o sôco,
Trabalha o sabre, esturgem os apitos...
E como é festa ao Momo dedicada,
Não falta a compatricia navalhada!

As nuvens, em constantes aguaceiros,
Despejam Mississipis de bisnagas
Nos corpos dos teimosos entrudeiros,
Que vão na procissão rogando pragas
Á chuva que lhes fez toda a farpella
Em esqualidas rodilhas de panella.

Mas elles não conhecem desalento,
Nem cedem facilmente aos desenganos;
Ou chova, ou haja sol, ou faça vento...
Os barcos vão ao mar e largam pannos,
Embora ao calaboiço ou enxovia
Uns dias vão passar em calmaria.

Antonio, sem no lombo um trapo enxuto,
Caminha n'um compasso quaternario,
Emquanto um *sol-e-dó*, como em tributo,
Um trecho lhe executa funerario.
O expulso general, de fronte baixa,
Lá vae marchando ao rufo d'uma caixa.

MARCHA FUNEBRE

Lá vae o *bombo* da infeliz revolta
Por entre a escolta aos impurrões levado;
Por assobios d'infernaes garotos,
Immundos, rotos, ao passar saudado.

Lá vae o martyr d'ambições famintas,
O troca-tintas de nefasta gloria,
Pagar por junto n'um covil de coelhos,
Peccados velhos que hão de vir na historia.

E quem diria quando, em raiva acceso,
Montado e teso manejava a adarga,
Que o commandante dos pimpões em voga
Daria em droga com cavallo e carga!

Quem tal dissera ao contemplar-lhe a proa!
Que sceptro, c'rôa, todo aquelle orgulho...
Finar-se iriam d'uma tal pilota,
Qual velha bota nos montões d'entulho!

....

....

....

Quando eu me lembro do esplendor d'outr'ora
Ao vêl-o agora escavacado e manco...
Não posso ter-me, sustentar-me mudo,
E um grito agudo de minh'alma arranco.

Ó fado! O Antonio, dos glutões patrono,
Q'eu vi n'um throno dando a lei do arrocho...
Calado e triste nem um ai! respinga,
Parece um pinga desbotado e chocho!

E lá vae manso, como a mansa ovelha,
De murcha orelha da prisão caminho,
Por sobre a lama com geral espanto
Do longo manto enxovalhando o arminho!

Que multidão de pensamentos vagos
Me vem presagos! que lição tyranna!
Ó terra! Ó mundo que eu percorro e calco,
Tu és o palco da comedia humana!

Adeus vaidades de balofa astucia,
Adeus argucia d'um actor de feira,
Que tanta prosa no *foyer* destampa
E á luz da rampa balbucia asneira!

Adeus ó sceptro de papel dourado,
Docel franjado qu'espantava o mundo,
Que o rei piloto da infeliz barcaça
Soffreu desgraça, foi de venta ao fundo!

E lá vae manso, como a mansa ovelha,
De murcha orelha da prisão caminho,
Por sobre a lama, com geral espanto,
Do longo manto enxovalhando o arminho!

....

E o vento sopra rijo,
E a chuva cae a jorro,
E o triste, sem soccorro,
Ladeado pelos grupos...
Caminha esmorecido
A passos de cortejo,
Ao som d'um realejo,
De vaias e d'apupos!

Os gatos nos telhados,
Jumentos e rafeiros,
Estridulos berreiros
Entoam por galhofa!
Na terra da chalaça,
Ás cócegas sugeita,
Já nada se respeita,
É tudo troça e mofa!!!

Té mesmo um papagaio,
Primor dos tagarellas,
Em uma das janellas
Não sei de que visconde...
Ao ser interrogado:
«Meu loiro, diz: quem passa?»
—El-Rei que vae...» Tem graça!
—Que vae... não disse aonde...

O verde-loiro bicho,
Sentiu n'esse momento
Um certo acanhamento,
Discreta honestidade:
Sabía... e foi prudente;
Fez bem não q'rer dizel-o,
Quem tem amor ao pello,
Não diz toda a verdade.

Mas dizem, que um sujeito
(Quem sabe s'isto é pala)
Lh'a disse n'uma falla
Por via telephone...
Na phrase que sahiu,
(Segundo se contou,)
No campo de Waterloo
Da bocca do Cambrone!

....

....

Tanto que do processo a machina inferruja
N'esse antro rapinal chrismado em Azambuja;
Emquanto o D. Empenho encrava roda a roda,
Tirando ao machinismo a vida, a força toda;
E o Voto ao Escrivão diz coisas ao ouvido,
E este lhe diz — que sim — que conte estar servido;
E a magica Propina espalha mil sorrisos,
Fazendo decidir por *ella* os indecisos;
D'aqui para acolá juizes são mudados,
E a lista se combina inteira dos jurados;
Emquanto a lei se torce e a beca se deprime,
Em nome d'um machucho auctor d'um grande crime...
Deixemos na gaiola o gebo rei Bobeche,
De barba já grisalha á falta de campeche!...

OS DOIS RIVAES

Debalde o nobre chefe trabalhara
P'ra pôr os dois rivaes em harmonia,
Da briga do festim;
Debalde muitos meios empregara,
E finos argumentos deduzia;
O Voto é rancoroso,
O Empenho é orgulhoso;
Os dois não vão assim.

Pintara-lhes ao vivo e em vivas cores,
Nas *sabias* reflexões dos Machiavellos
E exemplos de vigor...
Que os homens que dão leis e são factores,
Dos codigos que punem os duellos,
Por simples bagatellas
Não devem as costellas
Ao sabre, ao tiro expôr.

Gastara da rhetorica elegante
O bello sortimento das imagens...
E nada os convenceu!
O Voto, c'o a dentuça horripilante,
Os olhos sanguinarios e selvagens,
De tigre dera um urro,
Batera um novo murro,
Berrando: «Ou elle... ou eu!»

O Empenho, muito embora mais pacato,
Amphibia dignidade pondo em uso,
Responde ao valentão:
«Inutil para mim tanto apparato...
«Sustento: é malcreado, e não me escuso
«A dar-lhe, n'uma sova,
«A prova e contra-prova,
«De que não sou poltrão.»

Ao vêr a tentativa mallograda,
Depois de endireitar os collarinhos,
Antonio, disse: «Bem.
«Só peço que o combate seja á espada,
«A tiro, isso é que não. Buscae padrinhos,
«Que os tendes a contento
«No nosso parlamento;
«Estranhos não convem.

«Não quero que se saiba lá por fóra,
«Que somos os macacos do occidente,
«De francesino tom.
«Batei-vos á estocada muito embora,
«Mas salve-se o pudor. Não é decente
«Mostrar que somos filhos
«Dos *micos* ou *gorilhos*
«Das margens do Gabão.»

Tomou depois, áparte, os dois caipiras,
E disse a cada qual, mas em segredo,
Baixinho, sós a sós:
«Não mates D. Empenho, nem m'o firas,
«E tu, poupa-me o Voto. Tenho medo
«De ver a *giga-joga*
«Cair e dar em droga
«Faltando algum de vós.»

Os aulicos farçolas bravatanas,
Olharam-se d'esguelha ás furtadellas,
Em ar d'espadachins...
Guardando lá p'ra si tenções badanas,
De quem tem muito em conta as aduellas,
E quer a todo o esforço
A salvo pôr o dorso,
O amor que tem aos rins.

PREPARO BÉLLICO

Apenas do naufragio
Os dois se viram salvos,
Em breve foram alvos
De sérias attenções.
Qual d'elles teve logo
Padrinhos denodados,
Collegas deputados,
Da côrte medalhões.

Zumbaia, D. Basorra,
E mais uns outros mônos...
Fizeram-se patronos
Dos bellicos rivaes.
Formadas as parelhas
Das quatro testemunhas,
Pegar-se vão ás unhas,
Nas fórmas usuaes.

Pozeram mãos á obra
Os *pares* escolhidos,
Que foram, reunidos,
As *coisas* ajustar.
Por ordem do grão-mestre,
Baniram-se as pistolas;
Duellos de farçolas
Não vão logo a matar.

Devia, ao primo sangue,
Que ao cheque désse o mate,
Cessar pois o combate,
E darem mãos a bem.
Depois formar-se a acta,
Limpar, guardar espadas,
E ao Zé das caldeiradas,
Correr para Belem.

A lugubre tragedia
Que assim fôra ensaiada,
Vai ser representada
Com todo o seu horror;
Do palco a escolha feita
Da praxe em harmonia,
Marcado fôra o dia
E a hora de rigor.

....
....

O EMPENHO MEDITA

O Empenho, que a mensagem
Relera inda no leito,
Já pouco satisfeito,
Pensou, pôz-se a scismar:
— Demonio! o caso é duro!...
O Voto... é resoluto,
Além de forte... é bruto,
Capaz de me espetar!

E se eu me bato e morro?
Se á luta não resisto...
Quem toma conta d'isto,
Quem ha de isto mover?
Como hão de os arruinados,
Sem credito na tenda,
Á custa da Fazenda
Medrar, comer, beber?

Quem ha de dar a *carta?*
A *carta* salvadora,
A *carta* protectora,
Da *traça* da nação?
O que ha de ser do crime,
Se acaso aquelle estulto
Me dá cabo do vulto,
A golpes d'espadão?

O indigena não póde
Mecher sem mim os braços,
Nem dar sequer dois passos,
Sem p'rigo de cair;
Se eu morro ás mãos do Voto,
Em tudo que dependa
D'Empenho e de prebenda...
Como é que se hade avir?

Não devo pois a vida,
(Se bem que o ardor me acirra,)
Expor, por uma birra,
Do ferro aos espetões.
Finjamos ser um bravo,
E forte como um mastro;
Mas salve-se o canastro,
Tomemos precauções.»

Sentara-se a escrever uns gatafunhos
Adrede simulados, por malicia,
P'ra serem dirigidos á policia,
Depois de bem lacrados p'lo correio;
Mais outros escrevera aos seus amigos,
Expondo-lhes em phrase commovida,
O lance em que vae pôr em jogo a vida,
A bem do pundonor que é seu e alheio.

Mandara ao alfaiate, na casaca,
De pasta d'algodão, mas bem massiça,
Pespor uma couraça, que na liça,
As partes defendesse mais expostas.
È tal a precaução, tal a prudencia,
Que ao *dito* recommenda, não s'esqueça,
O forro chumaçar de toda a *peça,*
Na frente o peito todo, e atraz das costas.

Depois d'um buraquinho abrir n'um ôvo,
Saccando-lhe de dentro clara e gemma,
Impinge-lhe, por fino estratagema,
O sangue d'um frangão tapado a massa.
E assim tudo disposto e bem pensado,
No caso em que falhasse um outro plano,
Aquelle, era infallivel como engano,
Fazendo ao combatente uma pirraça.

Mas como muita vez o *démo as tece*...
E póde succeder-lhe ser furado,
É bom que a morte o encontre apparelhado,
E limpo de consciencia p'rá viagem.
«Quem sabe lá, diz elle, se o maldito,
Que pellos tem na venta e no miolo,
Me dá para matar e faz n'um bolo?...
Ponhamos sempre em ordem a bagagem.»

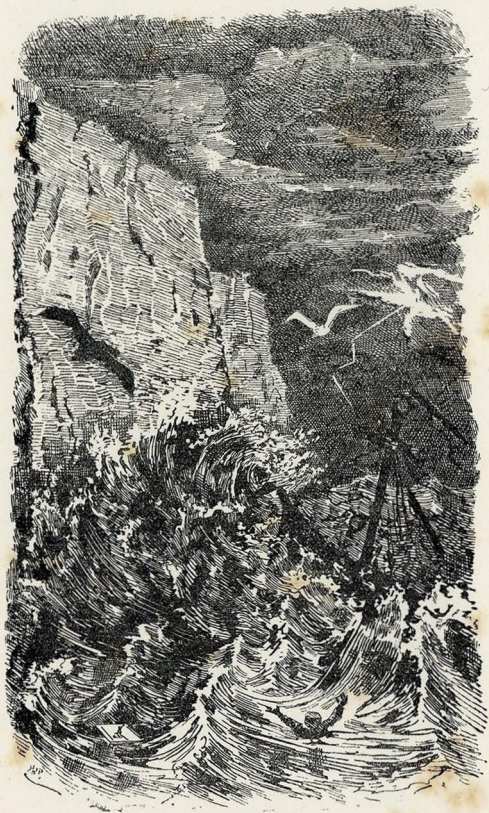
Ainda uma outra carta escreve extensa,
Ungida d'uma angustia verdadeira;
Os olhos eram copia da torneira,
Vertendo sobre a carta a pingalhada!
Um crime se revela, um crime horrendo,
Um crime contra Deus! que a lei fulmina!
O heroe foi elle, e a *pudica* Propina,
A victima *innocente* da farçada!
. . . .
. . . .

CONFISSÃO

Eis da carta o conteúdo.
Escuta, minha querida:

No momento em que esta vida
Vae correr p'rigo imminente,
Arriscar-se, contra o Voto,
N'um recontro frente a frente...
Vou emfim dizer-te tudo!
É dever d'homem sisudo,
É dever d'homem prudente
Que se abeira á sepultura;
Muito embora d'amargura
Beba as fezes diluidas...
Confessar todas as faltas!

Ai! as minhas são tão altas,
De cores tão denegridas...
Que estremeço ao confessal-as!

Falcatruas, injustiças,
Fajardices, alcavalas,
Trinta mil patifarias,
Artimanhas de devasso...
Tenho-as todas, em *remissas*
A pesar-me no cachaço!

Na rocha a pobre nau desfez-se em mil hastilhas,
E o mar abrira o seio aos naufragos pandilhas.

As lagrimas são tardias?
Serodia a confissão? Seja!
Mas, ao menos, qu'eu não veja,
Nas poucas horas sombrias
Que a viver tenho na terra...
O phantasma do remorso,
Que ao tormento me condemne,
A pesar-me sobre o dorso,
A mover-me crua guerra,
A esmagar-me sem clemencia...
Por não te abrir a consciencia
N'um momento tão solemne!

Propina, o tempo é breve.
Do mal que este peito infesa,
Ai! a dôr não se descreve!...

O crime que mais me pesa,
Dos que tenho commettido...
(Perdoa a quem se confessa)
Foi pregar-te o logro, a peça,
De fingir de teu marido!

Sejas tu meu sacerdote,
Vaes ouvir-me em confissão;
Quero emfim vasar o pote,
N'um acto de contricção

Recordas-te d'esse dia,
Que ao altar te conduzira,
P'ra te dar a mão d'esposo?
Que farça!... que cobardia!...
Tudo aquillo era mentira,
Em que eu era o mentiroso!...
....

O padre, imagens, altar,
Padrinhos e convidados...
Era tudo fingimento
Entre socios combinados!

P'ra que t'o hei de occultar?
N'este terrivel momento
Em que a vida me desmaia,
Ai! Propina, que eu não morra,
Sem te dizer a verdade:
O padreca... era o Basorra,
Sacristão... era o Zumbaia,
E toda aquella *irmandade*
Que segurava na tocha...
Era a tribu da Bambocha
Em plena communidade!...

Nem um santo havia ao menos
N'essa capella *bisarra!*
As imagens... eram Venus
N'uma *toilette* sem parra!...
E aquellas florinhas louras,
A que déste tantos gabos...
Eram cascas de cenouras,
Entre rodellas de nabos!!!

Castiçaes, eram garrafas!
E os turib'los dos incensos...
Ó coriscos!... ó vingança!...
Eram dois assucareiros,
Prateados e suspensos,
Em correntes de balança!!!
....
....
....

D'esse falso matrimonio,
Que me espedaça as entranhas
E me traz tão torturado...
O verdadeiro culpado
Não fui eu, foi o Antonio!

Sim, foi aquelle damnado,
Que com artes e patranhas,
Malicia de trampolina,
Me obrigou a dár-te a mão,
Commetter uma traição,
Enganando-te, Propina!

Mas perdoa-me, que eu juro
Pelo nosso qu'rido filho,
Pelo Empenho do futuro,
Que na escola anda a estudar...
Que, se acaso o peralvilho
Do Voto, não me espetar,
Arrependido e contricto,
De fazer do dito dito...
E a valer emfim casar.

Adeus! Beijos ao pequeno,
Que é no mundo quanto tenho;
Que nunca prove o veneno
Que as cavernas me devora!
Corro ao campo, soa a hora!
Teu falso marido — Empenho.»

Em convulsos movimentos
Retiniu a campainha,
E ao creado que acudiu:
«Esta carta aos aposentos
Da senhora.» Poz na pinha
O chapeu...
E sahiu.

SILENCIO! O CASO É SERIO

Ao toque das cornetas d'alvorada,
Já quando no horisonte o céo alveja,
Dois *trens* a trote largo pela estrada,
Caminho vão do palco dado ás farças;
E dentro, os personagens da peleja:
Actores, contra-regra e seus comparsas.

A brisa que perpassa pela gand'ra,
O aroma inebriante do *Caneiro,*
O canto matutino da calhandra...
Parecem combinados, sorridentes,
P'ra unidos ao tanger do corneteiro,
Saudar os bellicosos combatentes.

A vaga langorosa, que do Tejo
Á praia vem roçar-se nos detritos,
De lá da baixa-mar lhes manda um beijo;
Um beijo perfumado como as flores,
Um beijo d'attractivos infinitos,
E digno dos valentes contendores.

O Empenho, vez em quando, á portinhola,
Espreita pondo a calva á fresca aragem,
A vêr se da policia algum pachola,
Lhe salva dignamente o sério vulto,
Cortando-lhe d'Alcantara a passagem,
Na ponte disfarçado, meio occulto.
....
....

E a brisa vae soprando,
E os carros vão rodando,
E o triste a meditar:
«O bruto leva a palma;
«Não vejo nem viv'alma
«Capaz de me salvar!...»

Se o *ôvo* me falhar... estou perdido!
O Voto não me poupa! oh! se o conheço!
Em quanto me não vir no chão 'stendido
No chão, e revirado pelo avesso!...

E contem com amigos partidarios,
Avisos á policia segredados!
No mundo já não ha senão falsarios,
Ciladas, cobardias, scelerados!

E vou findar meus dias, lá, na gand'ra!
Deixar o meu cadaver sobre o tojo!...
Ao canto matutino da calhandra,
O bruto vae talvez furar-me o bojo!
....
....

Eil-os emfim na esplanada,
No palco, logar d'arena,
Onde vae crusar-se a espada,
E o sangue correr na scena!
Ao redor é tudo um ermo
Propicio para o combate;
Assistamos ao seu termo,
Vejamos qual o remate.

D. Empenho, ao vêr os fios
Dos ferros, como navalhas,
Sentiu n'alma uns calafrios,
E as veias de sangue falhas:
Corre ao longe a vista aguda,
E suspira, enxuga os olhos...
«Ai! não tenho quem me accuda,
Me salve d'estes escolhos!...

Quem me manda ser patola,
Metter-me com Ferrabrazes?
Elle vae rachar-me a tola!
Se eu podesse fazer pazes?...»

Mas foi logo interrompido
Pelo mestre contra-regra
Que, de vel-o commovido
Se compraz e muito alegra.

— Fóra da scena, senhores,
Terminou a symphonia.
Comparsas aos bastidores,
A comedia principia.
Já tendes a ferramenta,
Vamos, actores, em guarda!
Se o publico s'impacienta
A chinfrinada não tarda.

....

....

Ia já subir o panno
Quando um proximo parente
Se apresenta de repente
Sobre o palco abrindo os braços.
«Suspendei! Abaixo as armas!
«Em nome da ruminança
«Não consinto na matança
«Entre dois irmãos colaços.

«Pertenceis á confraria,
«Não podeis ser inimigos,
«Abraçai-vos como amigos
«E quebrae essas espadas!...»

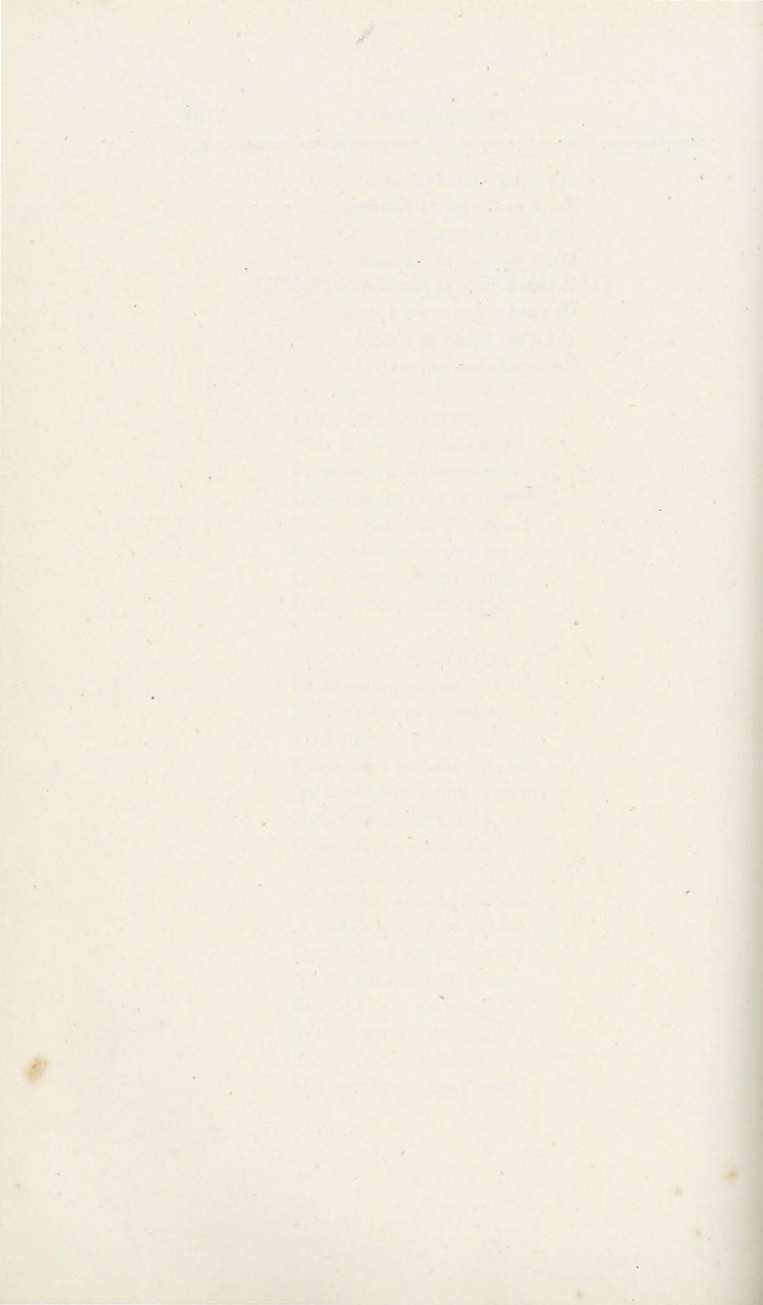
Consultados os padrinhos
Que foram da concordata,
Lá vão todos fazer acta
Para o Zé das *caldeiradas*.

CONFISSÃO POR CONFISSÃO

Pela parte da Propina,
Fôra o *mesmo* personagem
Portador d'uma mensagem,
Cujo assumpto era estupendo!
Uma carta em confidencia,
Concebida n'estes termos,
Que n'aquelles sitios êrmos
D. Empenho vae relendo:

«Se contricto te confessas,
Se do peito generoso,
N'um momento angustioso,
Vens abrir-me o coração...
Eu tambem tenho um segredo
Ha muito n'esta alma occulto;
Haja indulto por indulto,
Confissão por confissão.

«Empenho. Aquella creança
A quem chamas filho qu'rido,
Que beijaste enternecido
No dia em que a dei á luz...
Era falsa! era mentira!
Foi um parto simulado,
Foi um logro combinado,
Que a pregar-te me propuz!

«O menino que beijaste
Entre os braços da parteira...
Era filho da sopeira
D'uns visinhos hespanhoes!
E todo aquelle apparato
De sangue por sobre a maca,
Foi d'um figado de vacca,
Espremido nos lençoes!...

CANTO QUINTO

MISERERE

LAMURIA

Pois isto aqui foi o berço
Dos semi-deuses das vagas?
Dos heroes das cinco chagas
Que deram mundos e leis?
Pois esta triste possilga
Já foi grande n'outras eras?
Esta casa foi deveras
O solar dos nossos reis?!!

....

....

Onde está tanta grandesa
D'um passado tão risonho?
Que franciscana pobresa!...
Inda bem que tudo é sonho.

NO CASEBRE

Vamos, coração, nada de mofinas,
Não chores a riqueza que se esvae;
As lagrimas não erguem das ruinas
A torre, que estremece, abala e cae.
Acalma-te, nervoso, menos fogo,
Os olhos não são feitos p'ra chorar;
O mundo é loteria, a vida é jogo...
Um premio por acaso... e o resto azar!
....
....
....
....

Emquanto o nosso velho continúa
Na praia meditando em abandono,
Entremos-lhe na casa semi-nua;
Vejamos a que ponto da miseria
Chegou, quem já no mundo houvera um throno,
D'esplendido fulgor na antiga Iberia!
....
....

Uns miseros tarecos, sebentosos,
Cambaios, já sem estofo, desventrados,
Dominio das aranhas, carunchosos...
Eis tudo quanto existe! E por ultraje,
N'um quarto, dois lençoes esfarrapados,
Cobrindo rota enxerga sobre a lage!

Os ratos, esfaimados, no casebre
Parecem mil agentes do confisco,
Correndo, como o galgo atraz da lebre,
Em busca do sustento! Ó decadencia!
As pulgas são milhões por entre o cisco,
E o resto que eu não digo por decencia!

Entremos na cosinha do velhote.
Aqui, um tacho... além uma tijella;
Debaixo da torneira o triste pote,
Sem agua necessaria p'ra o dispendio!
Tão secco como as boccas do Alviella
Abertas para as chammas d'um incendio!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

QUEIXUMES DE UM FEIJÃO SOLITARIO NA PUCARINHA DO FALLIDO

Em tosco fogareiro a pucarinha,
Havia já tres horas consumidas,
Fervendo e refervendo na cosinha,
«E negra como as faces das escravas,»
Em cima d'umas bolas accendidas,
No bojo espatifava quatro favas!

Tres horas de martyrio n'um inferno,
Tres horas de fervura inquisidora,
E nada que as salvasse, Deus eterno!
Até que, succumbindo na borrasca,
Cedendo á temp'ratura esmagadora,
Rebentam p'las ilhargas, dando á casca.

Apenas um feijão frade e vet'rano,
Ao p'rigo acostumado das fogueiras,
Resiste como heroe ao fogo insano!
Mas não sem lamentar o seu fadario,
Por vêr desapar'cer as companheiras,
Na pucara ficando solitario!

No vertice da bolha effervescente,
Por vezes ergue a fronte desesp'rada,
Em roda olhando, em busca d'um vivente,
A quem soccorro peça! E tudo é mudo!
Um grilo, tão sómente, emparedado,
Perturba este silencio campanudo!

E o *frade,* coitadito,
Bigorna do codilho,
Mettido no sarilho
Do horrivel turbilhão...
Anda abaixo, anda acima,
Ás bolhas obedece,
E some-se, e apparece,
Vae feijão,
Vem feijão;
P'ra o fundo mergulhou,
Em doido frenesi,
E agora desmaiou,
E logo torna a si!...
E a puc'ra: brou brou brou,
E o grilo: gri gri gri!...

Cuspido por um salto da fervura,
E posto finalmente sobre a borda,
Queixando-se da barbara tortura,
Os éccos da cosinha assim accorda:
«Qual foi, Senhor, qual foi, ó Deus sublime,
Na terra o meu peccado! qual meu crime?

«Se a gente da Bambocha, extravagante,
Esbanja lá por fóra o rendimento,
Porque é que eu hei de ser o Zé pagante,
E á força supportar este tormento?!...

Porque é que quando ha falha na finança,
Sou eu quem paga as favas n'esta dança?»

E dando quatro berros atroantes,
Chamou em seu soccorro os habitantes.

As vozes desesp'radas são tamanhas,
Que acodem pelotões de bicharoucos,
De pulgas, de formigas e d'aranhas,
Famintos percevejos (e não poucos),
O rato, padre mestre dos velhacos,
Surdindo pelas gretas e buracos.

Chegados á cosinha, fazem alto,
Buscando quem soccorro lhes pedia;
A victima da puc'ra, dando um salto,
Fugindo da fervura á tyrannia,
Exclama-lhes da borda: «Liberdade!
Salvae do purgatorio um pobre *frade*.

«E tu, ó sabio rato, que és ministro
Do dono d'esta casa e da fazenda;
Vós todos que sabeis, pelo registro,
O quanto a casa deve já na tenda,
Afim de que se evite o pum! funesto,
Os vossos ajuntae ao meu protesto!

«Ou bem o nosso velho n'outros mares
Navega bonançosos, n'outro rumo,
Ou toda a caqueirada vae aos ares;
A pucara arrebenta e temos fumo!
É tempo de tomardes um partido,
Um dia mais... e tudo está perdido!

«Eu vejo que a despensa está vasia,
E o debito na tenda a quanto monta?
E dizem que o tendeiro já não fia,
Se paga lhe não fôr a velha conta;
Se acaso o que se diz se verifica...
Prevejo que tereis muita larica.

«O grosso já lá vae. Salvae o resto.
Se é tempo de o salvar?... Não assevero.
Tu, rato, que és ministro e és honesto...
Vê lá se lhe achas furo. O que eu não quero
É ser o pagador das alcavalas
E andar na pucarinha sempre em talas.

Emquanto assim fallou,
E as lagrimas lhe vi...
A puc'ra fez: brou brou,
E o grilo fez: gri gri!

....

....

....

E o rato lhe responde:
—Amigo feijão frade.
É justo o que disseste, e dizes a verdade.
Eu sei que na despensa existe pouco ou nada;
Não ha para roer sequer uma talhada
De queijo ou de chouriço.
A sala está *varrida e limpa*, e é por isso
Que tens muita razão.
Ministro sou, é certo, é certo... mas já basta;
Que venha quem quizer por mim tomar a pasta,
Eu peço a demissão.
Que venha outro governo as coisas pôr a geito,
Pois cá pelo meu lado, estou já satisfeito.

Pedir a demissão! O que é que estás dizendo!?
Acode o persevejo. Ó rato! eu não te entendo!
Pois temes a *larica* emquanto houver lá fóra
Um resto d'almofada, um trapo! Home essa agora...
Parece não ser tua!

— Amigo, eu cá m'entendo. A casa já está nua.
Se houver quem nos dê mais, terei muito praser;
O que ha não me faz conta. Adeus até mais vêr.
E o magico ministro, o papa da fazenda,
Sumiu-se da parede á pressa n'uma fenda.

....

— E agora? diz a aranha, agora quem governa?
Quem manda a bicharia, a tropa da caserna?

A coisa está bicuda, amigo persevejo:
O rato pôz-se ao fresco.
Apenas vira o queijo
Que havia na despensa á casca reduzido...
Safou-se, abandonando int'resses do partido,
Deixando sem *fazenda* em crise o ministerio!

Governo sem um rato... é caso muito sério!
Portanto, é bom pensar, pensar maduramente,
Em antes de eleger um novo presidente.

Tu sabes muito bem,
Que, para o nosso arranjo,
Nem tudo nos convém.
Se não houver esbanjo
Que dê para engordar...
Como é qu'isto hade ser?
Eu vivo de tecer,
Tu vives de sugar;

Se vem algum *miseria*,
D'estes da nova idéa,
(Que cá p'ra mim é léria)
Pôr isto a bom caminho...
Adeus, meu amiguinho,
É trouxas arranjar;
Nem eu faço mais *teia*,
Nem tu mais uma *veia*
Encontras p'ra chupar.

Em bicho que nos sirva, é bom pôrmos a vista.
Tu és conservador, eu cá sou progressista;
Podemos entre nós fazer qualquer concerto,
Que possa conjurar a crise n'este aperto.

O teu int'resse e o meu, são já bem definidos...
Lidamos em favor dos nossos dois partidos,
Que, aqui muito entre nós, parecem divergentes,
E vão ao mesmo fim.
Os nomes são diff'rentes,
Mas isso pouco importa. Eu prego o que tu pregas,
O arranjo, já se vê, p'ra nós e p'ra os collegas.
Tu pedes — a *conserva* — eu peço a economia
E só temos em mira o bem da confraria.

Já vês que nos convem collega esperto e astuto
Que trate com carinho o nosso int'resse mutuo;
Ministro que conheça a nossa situação,
Ministro, cujo nome, amigo, acabe em ão.

— Pois bem, eu tomo a pasta. Em nosso beneficio,
Atiro-me á fazenda.
É grande o sacrificio,
Mas quero assim provar que viso ao bem commum;
Por todos eu serei: sejamos todos um.

Aranha, o meu desejo
Em coisas de sugar,
Será sempre mostrar
Que sou bom persevejo.

— Valeu, lhe diz a aranha, eu cá por mim acceito,
Convem-me o teu governo, e ficas hoje eleito.

— Alto! Eu peço a palavra, exclama a pulga emfim:
Conv em-lhes a vossês, mas não convem a mim.
Eu tenho já de cór os versos da cantiga;
O vosso bom systema a base tem na intriga.
A lei do persevejo, e a tua, qu'rida aranha...
São leis de quem mais suga, e pilha e mais apanha.
Nem ordem nem justiça!...
Governo assim... tem geito?
Diz lá, qu'rida aranhiça?
Pois eu... por mim... regeito.

— Mas eu, lhe torna o fatuo,
Convenha ou não convenha, eu disse, digo e fico;
Tu és republicana. Ó pulga, cala o bico
Senão... lá vae a lei.
Não soffro desacato,
Affrontas ou desdens!...

Vae n'isto... surge o rato
Saltando em grande berra:

— Amigos!... parabens!...
Chegou-me um telegramma
Dos bifes d'Inglaterra!...
Já temos dinheirama
Á ufa!... quanto basta!...

«Fiel ao compromisso,
Cá estou para o serviço;
Depressa, venha a pasta...
E salta já p'rá tenda!...
Que venha o bom chouriço,
O queijo, a toucinhada,
E vamos á merenda!...

«Façamos um governo activo, meus catitas,
Mostremos o poder dos dentes parasitas.
A ti, que chupas sangue e gostas da carniça,
Amigo persevejo... a pasta da justiça;
E tu, aranha, e tu, que sabes o segredo,
Astuta manejar da teia todo o enredo,
Serás no mundo externo o apoio dos parceiros,
Tratando bem de urdir a intriga aos estrangeiros.
Á pulga, á scismadora em versos do «Alma minha»
A pasta do Parnaso... os barcos da marinha.

Que faça cada qual por si quanto poder...
Eu volto p'rá fazenda, e vá... toca a roer!»

E o chato persevejo, entrega, que supplicio...
A pasta que acceitou com tanto sacrificio!...

«E ao cabo de tanta lida,
(Dissera o pobre feijão,)
Trataram da sua vida,
Mas da minha? isso é que não.
Fiem-se lá n'esta sucia!...
Muita palra, muita argucia,
Muita phrase de lyceu,
Com que a casa nada lucra,
E quem se amola na puc'ra,
No fim de contas... sou eu!

Cá fico no purgatorio,
Como até agora, a penar!
Sabem que mais? cebolorio!...
E vão todos bugiar!...

....

....

Apenas isto acabou,
P'ra dentro sumir-se o vi...
E a pucara fez — brou brou,
E o grilo cantou — gri gri.

ANTONIO N'UM SEMICUPIO DE NAVALHAS

Apenas da prisão transpoz a porta,
O martyr dos Marats, o rei deposto,
Sentiu-se circumdado d'essa chusma
Que o vicio, pela bocca repellente,
Sem tregoas, da taberna ali vomita!

Que horrivel *mayonaise!* que mistura
De crimes hediondos! de vadios,
Falsarios, assassinos e larapios,
Que dentro, como fóra, á mão armada,
Exercem profissão de bandoleiros,
Nas barbas da justiça e do pacovio
Que o Voto — Director — ali pozera!

Sentiu-se estremecer ante a navalha,
Amasia, concubina do fadista,
Nascida e baptisada n'esse bairro,
Que, em nome do intestino lusitano,
Implora desde muito á caridade
A graça d'um rastilho ou camartello!

Navalha que tem azas como as aves,
Que vôa como o pombo! E sempre quando,
Ao lado vem pousar d'algum parceiro...
É certo que no bico leva o pasto,
Vermelho pelo sangue da rotura!

Se o mestre Van der Laan, no seu viveiro
Esta ave nacional mostrar quizesse...
Que louco rendimento iria ao cofre,
Da bolsa do estrangeiro semi-pasmo,
Ao vêr da rica fauna o luso typo,
Que vive das migalhas da barriga!

Mas diga-se a verdade: se a navalha,
Como ave carniceira é detestada,
Tambem a par do vicio tem virtudes,
Que a critica severa e sempre *justa*,
Por honra do paiz negar não deve.

Muito antes que o padeiro se levante
P'ra dar o pão saloio a tanto alarve...
Que a bolsa do pagante em vão sustenta
P'ra ter o bojo e o vulto em segurança;
Muito antes que a policia arranque o sabre,
E ataque o cidadão na propria casa...
Já *ella* despachou muita obra feita,
E ás pennas da roupagem limpa o bico!

Discreta, respeitosa, muito embora
Da fome sinta o bicho lacerante...
Ninguem a viu furar um ventre gordo,
Repleto dos guisados do orçamento!

Nascida na miseria, e democrata,
Não deixa d'elevar-se quando póde,
Dos antros da possilga em linha recta,
Ao bolso da nobresa afadistada,
Que desce do palacio solarengo,
Ao rez da prostituta e do cocheiro,
P'ra vir, ao som da *banza* acanalhada,
Cantar os seus avós no tom do fado!

Como ave maternal, incubadora,
Exalto-lhe a virtude requintada,
Ao vel-a d'aza aberta protegendo
O ninho d'esfaimados, que a justiça,
Teimosa vêr não quer, embora cega,
Rojando-se no pó da trampolina,
Debaixo das arcadas do seu templo!

Amante da colonia, foi, sempre *ella,*
A sábia, previdente, a mãe benigna...
Quem deu mais contingente ao velho Congo,
Á terra dos *Prazeres* mais colonos.
E mais que mastigar aos d'Azambuja! [1]

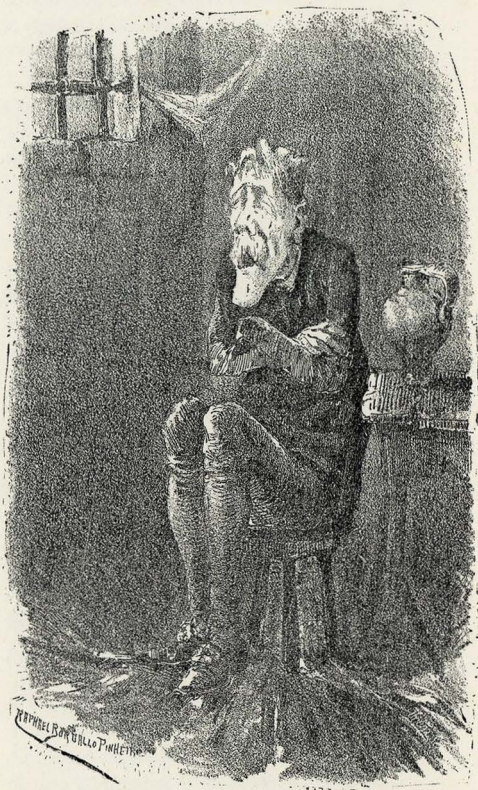
Sómente auxiliada do biquinho,
Trabalha noite e dia sem descanço,
E faz melhor despacho em pouco tempo,
Que toda a governança quando ordena
Descargas sobre o povo desarmado!

[1] Phyloxeras da Boa Hora.

Antonio é que nao crê na tal *virtude*,
Que o verso tanto exalta d'esta *amiga;*
E ao vêr-se circumdado e quasi immerso,
Em vasto semicupio de facadas...
Depois de pôr no ventre uma couraça,
Implora ao Director severa rusga!

Que coisas espantosas s'incontraram!
Navalhas e gazuas cento a cento!...
Rewolvers, punhaes, moeda falsa,
Depositos de roubos; creio mesmo,
Tres *Krupps* lá se acharam bem montados!
....
Sigamos, porém, nós o rei vencido,
Que o medo fez mudar de domicilio.

REFLEXÕES D'ANTONIO

Sentado na tripeça dos fallidos,
Ao pé *da banca rota*, e na postura
D'aquelle que a matraca nos ouvidos
Sentindo está no potro da tortura;
De pragas, maldições, dos offendidos,
Das victimas d'um mal que não tem cura;
D'ar triste, pensativo, contrafeito,
E os braços enlaçados sobre o peito;

Antonio, mergulhado em reflexões,
Dizendo está comsigo e os seus botões:

O queixo pendurado e a cara esguia,
Indicio de quem soffre mil tormentos;
E vendo já sem nojo a bicharia,
Trepando na parede aos regimentos;
A tudo indifferente, mesmo á pia,
Que exhala maus vapores pestilentos...
Antonio, mergulhado em reflexões,
Dizendo está comsigo e os seus botões:

«Quem foi que te mandou ser imprudente
Mettendo-te em camisa d'onze varas?...
Não eras tu senhor omnipotente,
Não tinhas uma c'roa das mais raras?
Rei ser não é melhor que *Presidente?*
Quem foi que te mandou comer araras?
Antonio, és um asno, um asno inteiro,
Não toques rabecão se és sapateiro!

«Maldito seja o ponche da Gomorrha
Que assim lançara o fogo ao calhambeque!...
Maldito seja o bolas do Basorra,
A causa d'eu levar tamanho cheque!...
Podesse eu por vingança na masmorra
Mettel-o aos empurrões, quebrar-lhe o beque,
E dal-o de presente ao tal Sicrano,
Que faz d'um burro morto o bello guano!

Não posso! Dentro em pouco hãode os gentios
Levar-me em procissão por essas ruas,
Entre alas de gaitinhas e assobios,
Á casa do processo e falcatruas.
Ali verei talvez em calafrios,
Deporem contra mim, dizer das *suas*,
Os brutos que eu mantive em farta avença,
Emquanto a chave tive da despensa!

Embora! Haja o que houver eu nada temo.
As malas arrumadas vão p'ra bordo;
Depois... é dar á vela... e viva o démo!
O bago está lá fora... e o bolo é gordo,
Prevendo em todo o caso um caso extremo,
É bom com a cautela estar d'accordo:
Bem pódes processar-me. Não me assustas;
Tu has de, ó Zé, no fim pagar as custas.

Irei viver á grande no estrangeiro,
Palacios habitar espaventosos.
No banco d'Inglaterra, o meu dinheiro,
Fará morder d'inveja os invejosos!
De todos os nababos, o primeiro,
Ó deuses! serei eu dos mais ditosos;
E posso sem temor da sorte crua
Mandar os lusitanos á tabúa.

E vós, ó meus discip'los governantes,
Caloiros d'uma escola que me orgulha,
Capazes d'infiar dez mil tratantes,
Sem oc'los, pelo fundo d'uma agulha;
Tratae de pôr a salvo quanto antes,
O fructo dos *arranjos*, da borbulha.
Lembrae-vos que o systema mais prudente,
É ter a bolsa cheia, a pança quente.»

Assim o nosso Antonio discorria,
No tom de quem da sorte não duvida,
Eis entra força armada na enxovia,
Que o leva ao tribunal logo em seguida.
Desçamos tambem nós emquanto é dia
P'ra vêrmos a comedia divertida,
E rirmos do Bismark do occidente
De raiva ao tribunal ranger o dente.

CANTO SEXTO

NO TRIBUNAL

JULGAMENTO

Quanto tens é quanto vales
É bem certo este dictado!
Não ha penas, não ha males,
Que não soffra um desthronado!
Ai! que mundo! faz-me medo!
Cada qual o fel azedo
Sobre El-Rei Bisnaga entorna;
São ferozes marreteiros,
A malhar como ferreiros,
De pé atraz — n'uma bigorna!

Sceptro e c'roa esborrachados,
Sem formato, sem feitio.

ENTRE JANISAROS

Roto, sujo, esbandalhado,
Já sem tinta no bigode,
E o cabello desgrenhado,
Como as farripas d'um bode;

Arrastando na poeira
Porco manto de velludo,
Como em gorda terça feira
Um rei sebento d'entrudo;

Sceptro e c'rôa esborrachados,
Sem formato, sem feitio;
Meias e calções suados,
Cheirando mal a bafio;

Caminhando lentamente,
Entre os guardas na fileira,
Como outr'ora um penitente
Caminhava p'rá fogueira;

Lá marcha, ao som da matraca,
O principe D. Calote,
Que anda agora c'o a *macaca*,
Por ter perdido a Mascotte!

E lá vae, pelo caminho,
Divertindo a populaça,
Que deu sempre o cavaquinho,
Por espectac'los de graça.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

LÁ DENTRO

Grande enchente no concerto!
Sala, escada e corredores,
Nunca viram tanto aperto,
De selectos *amadores!*

Politicos e farçantes,
Saltimbancos á mistura,
Candidatos ambulantes
Ao emprego, á sinecura,

Reformados funccionarios
N'outros *nichos anichados;*
(Ruminantes de salarios,
Que ruminam por dois lados!)

Ha de todos os freguezes;
Fadistas e cauteleiros,
Burocratas e burguezes,
Magarefes e cocheiros.

Nada falta, Deus louvado!
Ha de tudo e com sobejo;
Tudo está representado,
Mesmo a pulga e o persevejo!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

INTERROGATORIO

JUIZ

Diga lá, como se chama?

RÉO

Antonio, senhor, o Caro.

JUIZ

Desde que tempo não mama?

RÉO

Desde que o bom leite é raro.

JUIZ

Não é isso. A sua edade?

RÉO

Fiz vinte em sessenta e cinco.

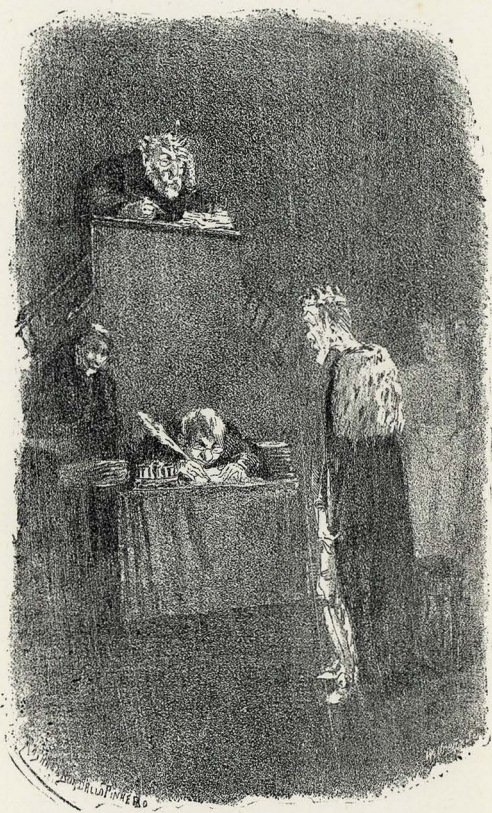
JUIZ

Tenha o réo mais seriedade;
Quando interrogo não brinco.
Pela falta da dentuça,
Bem se vê que é já marmanjo.

RÉO

Historias da carapuça;
Esta falta... foi arranjo.
Tiro dentes quando quero,
Quando um plano tenho em vista.

JUIZ

Por isso o vulgo severo
Lhe chama o grande dentista.
Diga mais: em que se occupa?
Qual a sua profissão?

Sou philoxera que chupa
Toda a seiva da nação.

RÉO

Sou parasita que chupa
Toda a seiva da nação.

JUIZ

Politico?

RÉO

Tal e qual.

JUIZ

Tem o réo sciencia do crime;
Que o traz hoje ao tribunal?

RÉO

Quando m'o disseram... ri-me
Um arranjo... não faz mal.

JUIZ

Seja mais claro e preciso.
Arranjo... o que vem a ser?

RÉO

Um arranjo? é ter juiso,
Eis o que isto quer dizer.

Muita gente grita, ralha,
Contra moços e *moiraes,*
Por comerem fava e palha
Da ração dos animaes.

Quer a gente seja lisa,
Quer seja fiel ou não,
Tem a fama da camisa
Sempre tirar ao patrão.

E o que faz quem não é tolo
P'ra não ficar a abanar?
Arranja-se; faz o bolo...
E depois... toca a safar.

Pois são estas as theorias
De quem sabe o nome aos bois;
Tira-se a fava ás maquias...
E rumina-se depois.

Ora eu, que de velhaco
Já tinha a fama... o que fiz?
Metti a fava no sacco...
E mando á *dita* o paiz.

JUIZ

Pelo que consta dos autos,
O réo é mais accusado
De, além d'aos incautos lusos
Muita fava ter papado,
Ser o chefe, o guia, a choca,
Da tribu da paparoca,
De comer como elephante,
E p'ra não deixar retraço,
Mandou pôr uns dentes d'aço
Na queixada ruminante!

Que é phyloxera damnado,
Resistente a todo o ataque;
Que o *Batalha* tem estafado,
Dando ao fol' sem lhe dar baque!
Que sustenta á custa alheia,
Da *philo-raça* europeia,
Um viveiro papador;
E que á força de trapaça,
Poz no fundo a nau-barcaça.
Que diz a isto o senhor?

RÉO

Isso agora é caturrice:
Eu repito o que já disse,
E não me afasto d'aqui.
Por ventura sou culpado
Que alguem veja, do meu lado,
Tanto crime que eu não vi?

É já velha esta mania,
De pedir economia
Aos *mandotes* da nação;
Se nós vivemos do gasto,
E uma *pasta* não dá pasto...
De que serve a *pasta* então?

JUIZ

E portanto, o réo confessa
Ter mettido em cheio as unhas?
Sim senhor, não é má peça.
Ouçamos as testemunhas.

ACCUSAÇÃO

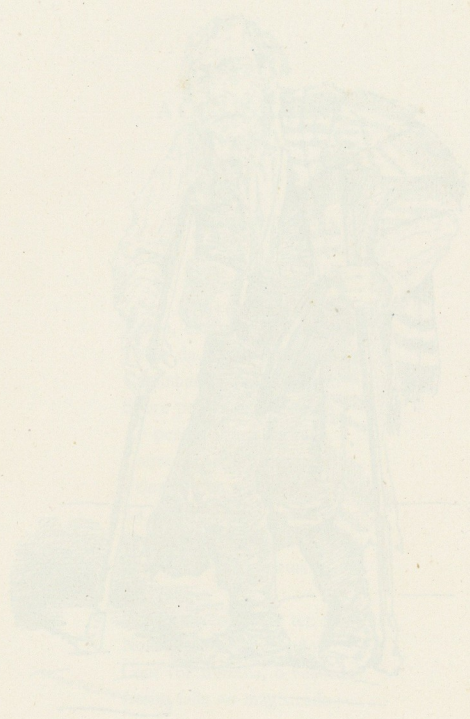
Primeira testemunha

Fraco, escaveirado, adusto,
Pelles da fronte enrugadas,
Caminhando muito a custo
Sobre pernas emprestadas;
Ao peso d'annos curvado,
Como o choupo fustigado
Pelos ventos e as maretas...
Lá se arrasta um bom velhote,
Um cadaver de capote
Amparado nas muletas!

Depois de em breve ter dito
Nome, profissão, estado,
Com voz trémula, o velhito,
Assim falla ao magistrado:

«Meu senhor, eu fui outr'ora
Lavrador honrado e activo;
Era feliz. Mas agora...
Nem sei se morro se vivo:
Sei que vivo porque fallo,
Sei que morro se me calo

AGRICULTURA

. . . .
E além, por entre penedos,
Campos, vinhas, olivedos,
Vão seccando e vão morrendo!

Ao pensar na desventura;
Mas esta faina, esta lida,
Nem é morte, nem é vida,
É só inferno, é tortura!

N'esses campos, que eu herdara
De meus paes no Ribatejo,
Na colheita da ceára
Tinhamos pão de sobejo,
Eu e os filhos. Dois valentes,
Que eram, de seus paes, doentes,
Fracos, velhos, alquebrados,
Braços, protecção, apoio;
Trigo que não tinha joio,
Nervos nunca fatigados.

Mas um dia, uns taes corrilhos,
Por causa das eleições...
Levaram-me ambos os filhos
P'rá tropa das procissões!
....
....

Desde então sinto-me morto!
A minha herdade arruinada!
Sem amparo, sem conforto...
Que mais me resta a mim? nada.
Se a Bambocha necessita
De mancebos p'rá guarita,
Commette-se o sacrilegio!...
Vem roubar-nos á cultura
O vinho, o pão, a fartura...
Em nome do privilegio!...

Eis o credo do accusado!...
Haja paz ou haja guerra,
Paralysa-se o arado,
Tiram-se os braços á terra!

E a burguezia, a nobreza,
Nas vidraças d'Havanesa,
Nas esquinas aos magotes,
Riem dos desgraçados,
Impunes e respeitados
De bengalas e chicotes!

Uns não vão... porque são ricos,
Outros, não... porque são nobres,
E os albardados burricos...
São sempre os filhos dos pobres!
A classe que lida e sua,
Largando a enxada, a charrua,
Vae as tarimbas enchendo...
E além, por entre penedos,
Campos, vinhas, olivedos,
Vão seccando e vão morrendo!
....
....
....

E emquanto o paiz inteiro,
Morre assim ao desalento...
O pão do nosso sustento
Vem-nos de lá do estrangeiro!

Diogenes do phyloxera,
Apagae vossas lanternas,
Não canseis olhos e pernas
Em busca d'uma chimera.

Que o bicharouco damninho,
Que tudo arrasa e devasta,
Eil-o ali de sceptro e pasta,
E d'antenas no focinho!

Sim, foi elle, magistrado,
Foi o réo que está presente,
Quem á força d'unha e dente
Poz o paiz n'este estado!

Qu'reis livrar-nos da derrota?
Qu'reis matal-o e tendes tédio?
Tendes na bota o remedio:
Correi-o a bico de bota!

. . . .

Do tribunal os freguezes,
Approvam n'um risò mudo,
Um riso que muitas vezes...
Nada diz dizendo tudo.

SEGUNDA TESTEMUNHA

Muito magro e chupadinho,
Quasi a cair de fraquesa;
A gravata e o collarinho
A pedir agua e limpesa.

Tez pallida, esverdeada,
Côr d'abobora carneira,
E a farpella desbotada,
E comprida a cabelleira.

Por botões, uns alfinetes
No casaquito espetados;
Tendo á mostra os joanetes,
N'uns sapatos já cambados;

Tal e qual como um mendigo,
(Menos bordão e saccola,)
Mal podendo ter comsigo...
Eis o luso Mestre-escola!!!

Ao vêr-lhe a figura séria,
Em frente do tribunal,
Como a estatua da miseria,
Erguida no pedestal...

Os olhos da má vontade
Fictaram todos o réo,
E um murmurio de piedade
Toda a sala percorreu.

É que ás vezes a comédia
Tem scenas de contristar:
Não é sómente a tragedia
Que faz sentir e scismar.

....

FALLA O MESTRE

Sou mestre humilde e obscuro.
Ensino a juventude a ler e a crer em Deus,
Sou eu que lhe preparo a entrada nos lyceus,
E a vida no futuro.

O MESTRE-ESCOLA

Abre o livro p'ra ensinar,
Pede esmola p'ra viver!!!

Bem sabem quanto valho;
Se os sabios d'esta terra intendem portuguez,
Não trocam *v* por *b*, e a *vez* não chamam *bez*,
Devem-n'o ao meu trabalho.

E a paga? Onde está ella?
Atiram-me ao regaço a esmola d'uns tostões,
Que nem podem chegar p'rá compra dos feijões
Da misera panella!

Panella!... é dos felizes....
E quanta e quanta vez por não me darem pret,
Não ha p'ra pôr ao lume a gota do café
P'ra dar aos meus petizes!

D'estomago vasio,
Que vezes vão á enxerga os tristes a chorar,
Sem ter para conforto um caldo salutar!
E tropegos de frio!

Como isto me consome!
Ensino a juventude a ler e a crer em Deus,
Sou eu que lhe preparo a entrada nos lyceus,
Ensino-a... e tenho fome!

É triste a minha historia.
Lançado pelo réo aos antros do soffrer,
Mulher, filhos e eu.... só temos p'ra comer
Tinteiro e palmatoria!

....

A patria que a rodo gasta
Com tanto filho anichado,
Só p'ra mim foi a madrasta,
Só eu fui o engeitado!
Dá banquetes principescos
Aos parasitas burlescos,
Com materna magnitude...
E ao levantar das toalhas,
Nem ao menos as migalhas
Ao mestre da juventude!

....

Por isso o mestre escolar,
N'esta terra... custa a crêr!
Abre o livro p'ra ensinar...
Pede esmola p'ra viver!...

....

Quando o sol da instrucção, vivo e fecundo,
Da treva analphabeta o véo rasgando,
Em raios do *a b c* trouxer ao mundo
O germen do progresso e paz; e quando
P'rá casa do diabo, a dez de fundo,
A sucia parasita fôr marchando...
Terei na patria minha um caldo ao menos
Mais gordo e com fartura p'ra os pequenos.

Mas, emquanto esse dia desejado
P'rá escola não raiar em nova aurora;
Emquanto este paiz fôr governado
Por gente d'essa laia, que não córa,
Vivendo pobremente, esfarrapado,
Irei d'aqui p'ra o fim como até agora,
Que o ventre d'esse bruto mastodonte
O sol não deixa vêr no horisonte!

Eu juro pela minha palmatoria,
Por tinteiros e pennas ferrugentas,
Por tudo quanto préso, p'la memoria
Das minhas calças velhas e sebentas,
Que ao réo, sómente ao réo, pertence a gloria
Das farças parvonaticas odientas,
Que é elle o causador de taes desditas,
Por ser o chefe-rei dos parasitas!

Se acaso qu'reis salvar a Parvalheira
Das garras da fallencia e da batota,
Tirae-lhe da beiçola a chuchadeira,
Mandai-o do *montado* p'rá bolota;
Mas ponde-lhe ao pescoço uma colleira
Que o torne conhecido em toda a frota;
Pois se elle p'ra cá volta e lá não fica,
Dá cabo em pouco tempo da futrica.

TERCEIRA TESTEMUNHA

Um todo d'inculcadeira,
Figura chilra e pequena,
Que viu transpôr a fronteira
Ao Junot mais ao Masséna;

Gebo capote rapado,
Que n'outro tempo foi luxo;
Lenço branco retesado
Na nuca como um cartucho;

Grosso pingo de simonte,
D'adunco nariz suspenso,
Cae não cae, fazendo monte
Do pescoço n'outro lenço;

Beiços pardos e delgados
Como abas de cogumelos,
E na bocca, mal plantados,
Raros dentes amarellos;

Caraça da côr da tocha,
Menos limpa do que suja,
Dando idéas da carocha,
Fazendo lembrar a c'ruja;

Eis a *tertia* testemunha!...
Perpetua Augusta Ronceira,
A quem chamam, por alcunha,
Industria da Parvalheira!...
....
....

Depois da tabacada ter mettido
Nas furnas onde o olfato s'extasia;
Depois de ter limpado no vestido
Os dedos ideaes da porcaria;
Depois de muito espirro, e ter tossido,
Caretas mil fazendo... a velha harpia,
Seguindo da rotina o caso velho,
Pousou a mão de chapa no evangelho.

E disse:
«Não riam d'esta tosse,
Já chronica e sédiça que me arrasa,
Que ha muito d'este peito tomou posse,
E veio como a peste entrar-me em casa.
Sou velha, é bem verdade, e que o não fosse,
No jogo do progresso fazer vasa
De todo não podia, que a mofina
Em vão tem recorrido á medicina!»

A INDUSTRIA

Vingança, magistrado, contra o Tanas,
Que deu com a nação toda em pantanas!

Nem riam da *toilette* desusada,
Signal de quem patacos não avesa;
Não póde nunca á moda andar trajada,
Quem vive como eu vivo na pobresa;
Quem soffre a consequencia desastrada,
Da *troupe* governante parvonesa,
Que mata com papeis de seis por cento
A industria, que não póde ter alento.

Em quanto o capital fôr atrahido
Aos mares do *coupon*, pela *sereia*,
Que em breve folgará por vêr perdido,
O barco do *jurista* sobre a areia...
Vestir não poderei outro vestido,
Nem ter p'rá minha tosse panaceia,
A menos que o *jurista* naufragante,
Se faça p'ra salvar-me fabricante.

Eu morro, eu sei que morro envenenada
Do bicho que me ataca os dois pulmões,
Microbio, que brotou da papelada,
Como esse que nos vem das podridões!
Eu morro, pelo réo assassinada,
Ao virus peçonhento dos *coupões!*
Vingança, magistrado, contra o Tanas,
Que deu com a nação toda em pantanas!

E visto eu bem saber que desço á valla,
Sem tochas, sem mortalha e sacramento,
Já trouxe preparada a mis'ra mala,
Que aqui vos vou deixar em testamento.
(Do peito cavernoso um ai! lhe abala,
Repleto de simonte e sentimento!
Os oc'los no roufenho escarrapacha,
P'ra ler o testamento que é d'escacha!)

TESTAMENTO DA INDUSTRIA

Deixo as minas exploradas,
Com seus pertences mineiros,
A todos os trapaceiros
D'acções — gratis — liberadas:
E ás victimas da esparrella
Queixosas do prejuizo,
Os conselhos da cautela,
P'ra que tomem mais juizo.

As machinas e os motores,
Que todo o arsenal encerra,
Aos illustres comedores
Dos concertos na Inglaterra:
E aos humildes operarios,
Que pedem pão e trabalho...
Deixo a fome... dando ao malho,
E a miseria... dando á serra!

Deixo da loiça das Caldas
Todas as cobras giboyas
De Lisboa aos habitantes...
P'ra que sirvam de grinaldas
Aos amigos das tramoias,
Aos politicos farçantes.

Deixo mais aos alfacinhas
As bigornas e os martellos,
P'ra malhar Polichinellos
Dos *Bentinos* no cenobio;

. . . .

P'ra que empregue os seus desvelos
Contra a raça flagelante,
Deixo todas as mésinhas
De poder desinfectante
Ao Rodrigues do microbio.

Tenho em casa dois retratos,
Um a lapis... outro em gêsso,
Que muito preso e venero;
Não são prendas para ingratos,
Deixar-vos esses... não quero!

Um é do pobre Fradesso,
Que morreu sem galardão
P'ra salvar-me na batalha;
O outro... é d'essa creatura
Que chamaes — o Passarão!!!
Vão commigo á sepultura,
Unidos ao coração,
Na minha triste mortalha!

Deixo aos meus compatriotas,
Os oc'los d'este nariz,
P'ra que vejam as batotas
Que vão por todo o paiz;
E os bicos das minhas botas,
P'ra que tudo tenha herança...
Deixo ao réo como lembrança.

. . . .

Nada mais, senhor juiz.

Quarta testemunha

O VETERANO

Depois da velha Industria ter deposto,
Verdades mil amargas vomitando,
Um homem, que a rudesa traz no rosto,
Na sala a passo grave logo entrando,
Perfila-se e corteja. E desde quando
No banco se assentou e pôz a gosto,
Desfecha contra o réo, a quem não poupa,
O verbo da franquesa á queima roupa.

«Eu fui, senhor juiz, fui um d'aquelles bravos,
Qu'inflammados d'amor saltaram no Mindello,
Quando em lucta sangrenta os meus irmãos escravos
Gemiam sob o algoz aos golpes do cutello;

Um homem que mal viu sinistra a forca erguida,
D'El-Rei nosso senhor, nas praças da cidade,
Nos campos da refrega em risco poz a vida,
Em nome da justiça e contra a iniquidade!

Sem medo combati, creia, por Deus o juro,
Com esse enthusiasmo, ardente, que devora,
Que a patria nos põe n'alma em sonhos do futuro,
Se a esp'rança nos sorri clarões d'uma outra aurora.

Regada com meu sangue, essa arvore bemdita,
Que o livre tanto adora, emfim lançou raizes!
Que a leia quem quizer, no peito a tenho escripta,
A historia d'essa lucta em fundas cicatrizes!

RELIQUIA DO MINDELLO

Desfecha, contra o réo, a quem não poupa,
O verbo da franqueza á queima roupa.

E qual, qual foi o premio, ó patria que me déste,
A mim que te servi, com fé, com alvoroço?...
Miseria, esquecimento, a fome, o frio agreste...
Aos grandes déste a carne, a mim déste-me o osso!

Sustentas tanto biltre inutil e madraço,
Á grande mangedoura em sordida ucharia,
E esse que te salvou da forca e do baraço,
Arrasta-se p'r'ahi com seis vintens por dia!

Que lei, senhor juiz! Quando me coube a sorte
De, em frente do canhão, dar o corpo á metralha,
Não houve distincções; não houve, porque a morte
Trata a todos por tu, grandes e miuçalha.

Mas quando emfim chegara a vez da recompensa,
E ao resto da phalange a patria abrira os saccos,
Então, senhor juiz, que burla! que diff'rença!
A uns... o oiro a rodo... e a outros tres patacos!

....
....
....
....

Diz o réo —: não ha dinheiro?
Porém, quando o governante,
P'ra manter-se no poleiro,
Quer comprar o Zé votante...
Dá-se um baque no thesouro,
E apparecem montes de ouro,
Cômo em casa de um ricaço!...
Então não se olha a despeza,
Põe-se o prato em lauta mesa,
Tudo é pompa, estardalhaço!

Mas, se um de nós, os veteranos,
Faminto, curvado aos annos,
Lhe estende a mão descarnada...
«Não póde ser, irmãosinho;
O paiz é pobresinho,
Para vossê não ha nada!»

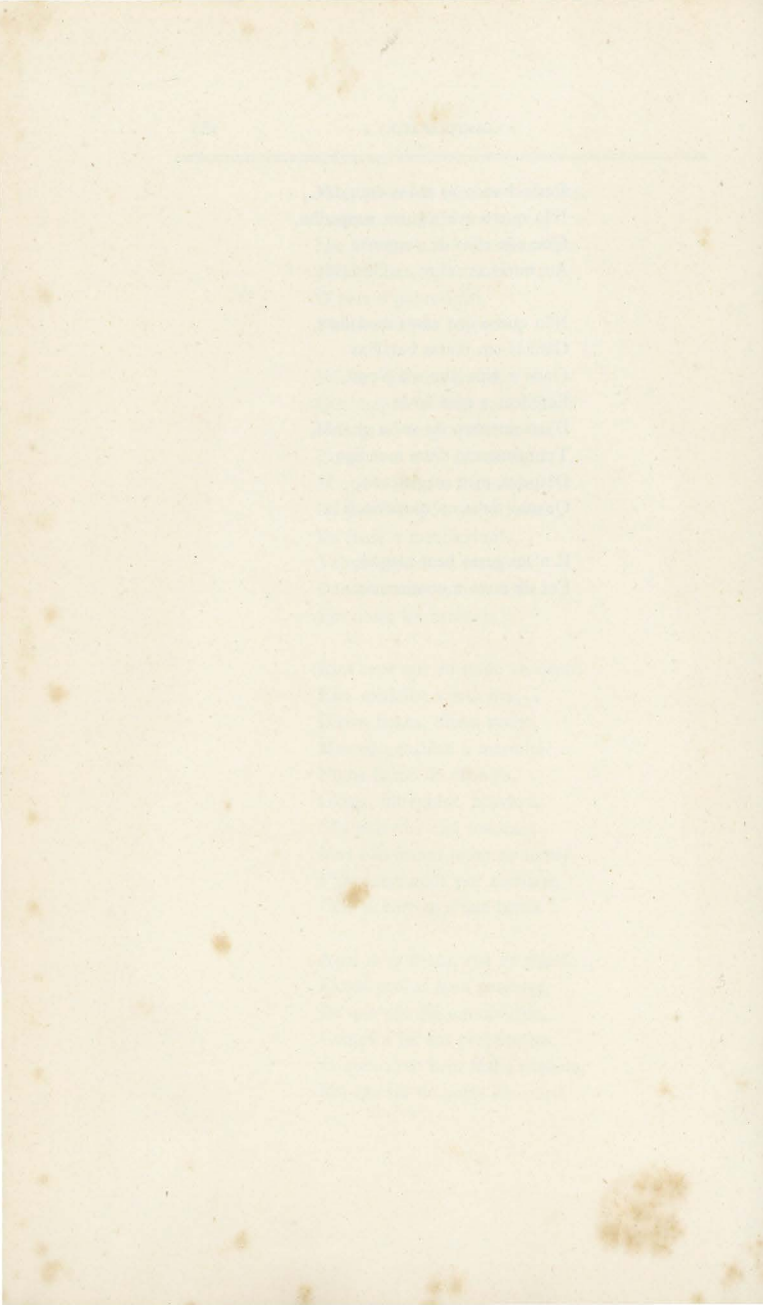
Não ha dinheiro no cofre
Que ampare a vida ao soldado?
Pois bem, desgraçado, soffre,
Cumpra-se a lei do teu fado;
Já que o réo aos defensores
Da patria impõe os horrores
Da fome e mendicidade...
Talvez alguem se condôa,
Dando-te um resto de brôa,
Em nome da caridade!

Esta cruz que eu trago ao peito,
Esta medalha e esta fita...
Dizem honra, dizem preito,
Mas não enchem a marmita.
Nome limpo de censura,
Gloria, intrepidez, bravura,
São palavras mui sonoras;
Mas não levam tacho ao lume,
P'ra quem anda por costume,
Com a barriga a dar horas.

Aqui lh'as deixo, que as guarde;
Ficam provas bem patentes,
De que não fui um covarde,
Contra a lei dos prepotentes.
Já que o réo bem mal s'importa,
Em me vêr de porta em porta

Pedinchando ás mãos erguidas...
Não quero que alguem supponha,
Que não córo de vergonha
Ao trazel-as sobre as f'ridas!

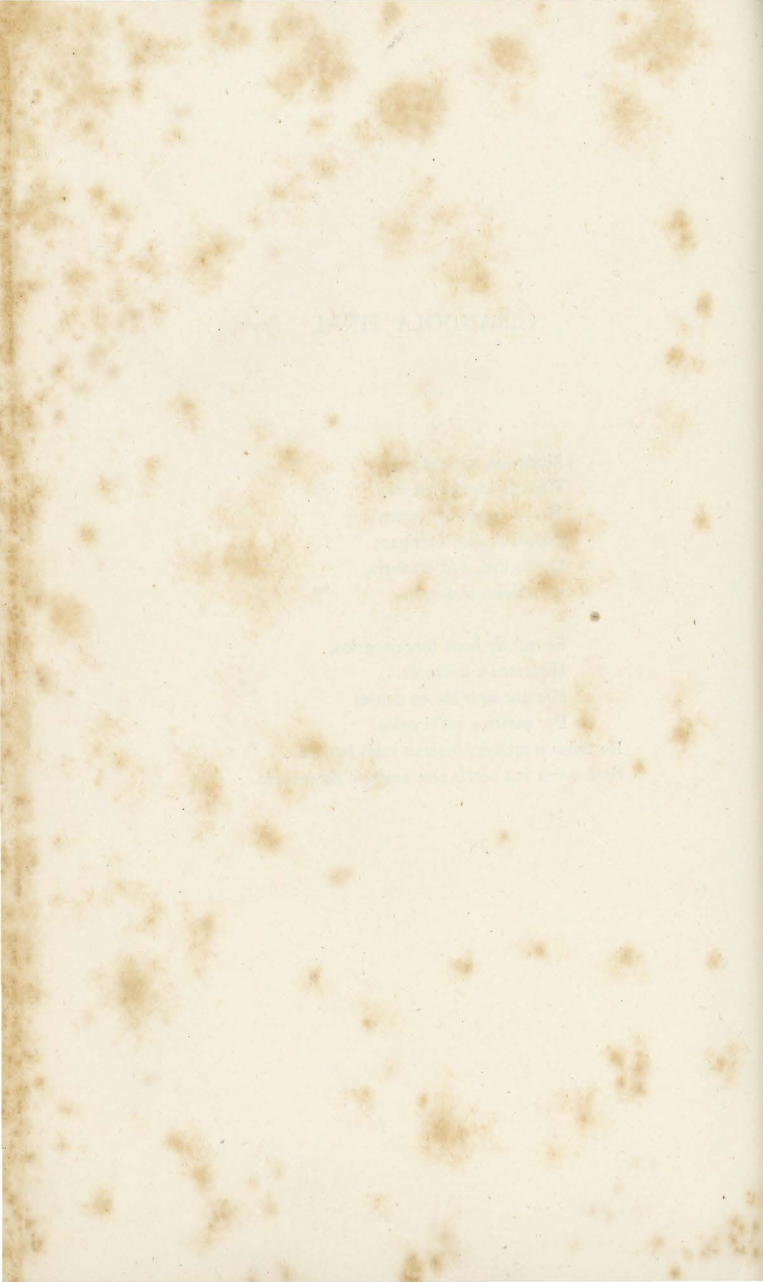
Não quero que essas medalhas,
Ganhas em tantas batalhas
Onde a vida puz em p'rigo,
Enfeitem a rota farda
D'um membro da velha guarda,
Transformado n'um mendigo!
Despejei, meu magistrado,
Quanto tinha na consciencia!»

E n'um gesto bem rasgado
Fez de novo a continencia.

CANTO SETIMO

JUIZES DO TRIBUNAL E JUIZES DA RUA

GIRANDOLA FINAL

Mudar as leis antigas?
P'ra que mudar as leis?
Mudae antes os homens:
Buscai-os sem barrigas;
Que o mal, vós o sabeis,
Existe nos abdomens.

Se qu'reis bons funccionarios,
Honestos e decentes...
Mandae tirar-lhe os dentes
Por mestres vet'rinarios.
De todos o melhor, o servo mais honrado,
Será quem vos servir *sem ventre e desdentado.*

A tribu ruminante.

OS RUMINANTES

«Depois de procellosa tempestade
Lampeja para o bruto a luz da esp'rança;
Alegra-te, Bambocha, o teu confrade
Não p'riga entre os juizes da vingança.

Se a justa accusação, por um instante,
Abala sobre a base o melcatrefe,
Lá corre a grande chusma ruminante
A dar soccorro prompto ao nobre chefe.

Lá vem a *Trempe Santa* a largo trote,
D'escudo em guarda ao peito e lança em riste,
Salvar a todo o transe o D. Quixote,
Que aos golpes furibundos mal resiste.

Enorme sensação domina, lavra,
Percorre canto a canto toda a sala;
Basorra estende a mão, pede a palavra,
Espirra, tosse, cospe e bota falla.

Nem Erasmo,
Nem Terencio,
Nem Gregorio...
Botaram tão bello estylo!
Todo pasmo,
Fez silencio
O auditorio,
Para vêl-o e para ouvil-o.

Durante que a veia esgota,
Ouvem-se ao longe uns pregões
De figos da capa rota,
Melancias e melões.

Dão alarves gargalhadas
Os cocheiros sobre os *trens;*
Os cavallos dão patadas,
Zurra um burro e ladram cães.

....

....

Mas o ruido da turba
Não inquieta nem perturba
D. Basorra o comilão,
Qu'impavido nada teme,
Só lhe importa o réo que geme
Ao pezo d'accusação.

Todos os meios emprega
Em defesa do collega,
Dando aos outros um quináu;
Ralha, grita, esgrime e jura...
Que não fôra a dictadura
Quem dera cabo da nau.

Que é mentira, indigna pala,
Tudo quanto o Zé propala
Sem consciencia contra o réo:
Que apenas tem um defeito:
Comer a torto, a direito,
Aquillo que não é seu.

Mas, diz elle em tom sublime,
«Um defeito não é crime,
Que se impute a taes varões:
Ergue a fronte, ó innocente,
Não é crime dar ao dente
N'um paiz de comilões!»

— Alto lá! brada o juiz!
Eu inda estou em jejum...

— Não comeu por que não quiz,
Pois o banquete é commum.

Antonio, não dês a borda,
Tapa os ouvidos á horda
De rafeiros a ladrar;
Emquanto *isto* fôr vivendo,
Vamos comendo e bebendo,
E deixal-os lá berrar.»

Antonio, que até ali de medo o caso amola,
Um beijo agradecido envia da beiçola
Ao bravo ruminante.
A magica Propina, em gesto irresistivel,
Do jury faz vibrar a corda mais sensivel,
Mostrando-lhe o *sonante*.

. . . .

. . . .

E a coisa vae seguindo,
E a Trempe vae sorrindo,
Segura da victoria,
Embora o delegado
Lhe vibre desesp'rado
A *verve* accusatoria

FALLA O DELEGADO

Por mais que me repugne este sudario,
Que o crime ante meus olhos desenrola,
Voltar não devo o rosto, embora o tédio
A nausea me provoque ao contemplal-o.

Se em frente do cadaver já corrupto,
O medico operante empallidece,
Fraqueja ao vêr o sangue e, commovido,
Hesita no manejo do escalpello...
Será para o convento um digno leigo,
E nunca para a sciencia um digno mestre.

Mas eu, que tenho a cargo e por officio,
Fazer severa autopsia ao accusado,
Servindo-me da lei como instrumento,
Impavido cortando nervo a nervo,
Mostrar pretendo ao mundo e ao riso exposto,
O monstro a quem o vulgo chama o Caro!

Debalde a corrupção me faz negaça
Dos olhos fascinantes da Propina!...
Debalde essa potencia, o luso Empenho,
Procura á meiga voz dobrar-me o dorso.
A toga não se vende, antes se rasga,
Em honra e desaggravo da justiça!

Possua muito embora o criminoso
Um throno e rei se chame... que m'importa!
Sentado n'esse banco eu nada vejo,
Que o réo p'ra mim não seja o réo sómente.

E esse monstro quem é? Todos o sabem.
Levado pela manha e pela argucia
Á maxima grandeza do poleiro,
Mil raios que caissem n'esta terra
De certo não fariam tanto estrago!

Nefasto commandante d'esse barco,
(Que Deus lhe falle n'alma!) a nau do Estado,
Á força de deboche e de guinadas,
O bruto tanto fez que o poz no fundo!
Cercado pela sucia crapulosa,
De bojo sempre prompto para a orgia,
Amante d'essa dama cancanista,
Que a compra do votante pôz em voga,
Compadre, protector do D. Empenho,
Do Voto amigo eterno e mais da Tribu...
Arrasa, como a lava da cratera,
Em roda quanto existe na Parvonia!

Correi do norte ao sul o reino inteiro,
Vereis a decadencia em toda a parte!

Os campos não produzem, porque os braços
(Ha pouco o disse o velho,) são roubados
Ás terras e ao labor para a tarimba!
E a flor da mocidade, a força viva,
Qu'escapa por milagre á tranquibernia,
Emigra como as aves que não voltam,
E vae além do mar morrer da febre!

Vereis o longo espaço alemtejano,
Enorme, sem cultura da charneca;
Ferrete d'ignominia rotineira,
Que o luso governante traz na fronte,
Provando á velha Europa a muita inepcia,
Que faz que um povo compre o pão alheio,
Podendo tel-o seu e com fartura!

A Beira, o Minho, o Douro, cultivados
São quasi que sómente p'las mulheres!
P'la mãe que lida, sua e traz no ventre
O filho á exportação já condemnado!

O povo embrutecido, analphabeto,
Á mingoa d'instrucção bem mal suspeita
Qual seja o seu dever perante a urna!
Por isso vae vender em hasta publica
O voto da consciencia a quem lh'o paga!
E o réo, por intermedio de corrilhos,
É sempre quem mais dá cobrindo o lance!

A escola, abandonada, tem por mestre
O triste que, obrigado pela fome,
Lá vae de fronte baixa, envergonhado,
Pousar a mão tremente no ferrolho
Da porta do abastado... p'ra pedir-lhe
A sopa que a Bambocha lhe negára!...

E sabem qual a causa d'esta insania
Que assim condemna á fome o pedagogo,
O guia, o instructor dos nossos filhos?
É que *ella* bem conhece esta verdade:
Da luz que o sol expede, cada raio,
É como que um chicote que da treva
Enxota para os antros o vampiro!

A Industria, egual ao boi atado á nora,
Exhaure força e vida na rotina!
Vergada sob a canga financeira
Que todo o capital lhe vae sorvendo
Em troca da ruinosa papelada,
De balde quer luctar contra os da *pasta*,
Que off'recem seis por cento sem trabalho,
Até que um dia estoire a bancarrota,
Deixando o nosso agiota a vêr navios!

As artes, o commercio, que lá fóra,
Prosperam entre mãos d'um povo culto,
Definham entre nós como fidalgos
Entregues á ganancia d'usurarios!

Não ha moralidade, não ha crença,
É tudo mercancía, tudo int'resse,
Arranjo, empenho, nicho, comedela!
As leis são parafusos, que os agentes
Apertam ou desandam á vontade!
E quando por acaso o pau é duro,
Recorrem logo ao cebo da Propina,
Que rosca faz entrar em movimento!

E o exemplo vem d'alto e sempre d'alto!
No cimo da montanha brota o jorro,
Que apenas é regato no começo;
Engrossa no percurso, toma corpo...
Até que um rio fórma caudaloso!
Se os aulicos mandões empennachados,
Eivados da peçonha são corruptos,
Assim como o regato vae crescendo,
Em breve a grande massa dos mandados,
É toda corrupção!... toda peçonha!...

E o réo, senhor juiz, o réo... é vicio,
Mentira, trampolina, falsidadé,
Pintura d'alto abaixo, fingimento!
Como estatua de zinco recoberta,
Faz crêr a quem a vê na prata fina;
Mas dae-lhe a forte pulso boa esfrega,
E logo, do metal que está latente,
Vereis apparecer toda a baixesa.

P'ra mim, senhor juiz, ficam provados,
Os crimes de que o réo foi accusado;
Entrego-lhe o medonho phyloxera,
O bicho mais damninho, que ao thesouro,
Enormes sacrificios tem custado;
Entrego-lhe o corrupto commandante,
Da náu que foi a pique incendiada!
O chefe d'essa Tribu nunca farta
Da seiva da nação que vae morrendo!

Eu cumpro o meu dever. Requeiro a pena,
Que o codigo consigna aos sugadores;
Se o jury não quizer matar o bicho...
Eu lavo as minhas mãos. E tenho dito.

JUIZ

Tem a palavra a defesa,
Falle o illustre advogado.

ADVOGADO

Prescindo. Tenho a certesa
Do triumpho do accusado.
E demais, por mais que a inveja,
Se retorça, morda e seja,
Furia, raiva e maldições...
Ha de aos pés do meu cliente,
Rojar-se como a serpente,
Calcada pelos tacões.

Essa quadrilha d'idiotas,
Que hoje o accusa como réo...
Ha de vir lamber-lhe as botas
Ámanhã, como um lebrêo.
Muito embora o Delegado,
Vomite contra o culpado,
Raios, coriscos, trovões...
É tótó que ladra á lua;
O Bobéche ha de ir p'rá rua,
Cá tenho minhas rasões.

....

E a TRINDADE omnipotente,
Que lhe percebe a agudesa,
Canta baixinho e contente,
O trio da Grã Duquesa;
Aquelle trio sabido,
Popular e conhecido,

Do vulgacho parvonez;
O trio do régabofe,
Que termina cada estrophe,
Dizendo: nós somos tres.

JUIZ

Terminaram-se os debates,
Vou formular os quesitos.
(e áparte)
Nunca tantos disparates,
Se disseram inauditos!

Tem o réo, como é de direito,
Que allegar em seu abono?

— Não senhor. 'Stou satisfeito
Do que disse o meu patrono.

N'esse caso... eu me dirijo
A vós, senhores jurados.
(Batem á porta de rijo)

Quem é que bate? Quem ousa!...
Lá fóra não ha soldados?...
Abra a porta, ó senhor Sousa;
Ora sempre quero vêr,
Quem se atreve a interromper
D'uma audiencia o presidente.

Um homem, limpo, decente,
De luvas e sobretudo,
Se apresenta humildemente
Ante o juiz façanhudo.

— Quem é *vossê?* Que pretende?

— Senhor... eu sou testemunha...

— Ponha-se lá fóra, entende?!...
(O homem d'espanto recua!)

— Mas senhor, peço perdão,
Se fiz mal, se fiz tolice...

— Não me serve a caramunha,
Ponha-me os *quartos* na rua,
Ponha os *quartos* já lhe disse.

....

E o dono do sobretudo
Saiu infiado e mudo.

....

....

— E que tal o da rabeca!...
Que me dizem ao parceiro?...
Ora saiba que esta béca
Não é blusa d'aguadeiro!...

E o illustre Presidente,
Que da toga quer o brilho,
Terminou este incidente,
Como um Faia do chinquilho.
Deu-lhe Deos aquelle geito:
Não é máo nem é corrupto;
Mas emfim... tem um defeito:
Atira coices, é bruto!
Um defeito que da toga
Andou sempre muito em voga.

Inda hoje o tal sugeito,
Que eu conheço lá do Algarve,
Quando o encontro peito a peito
Me repete: «mas que alarve!...

Ponhamos nós de parte o incidente,
E vamos á questão que está pendente,
Ouçamos os quesitos do juiz
E o resto, que está quasi por um tris!

QUESITOS

1.º

O crime de que o réo é accusado,
No tempo em que exercera a dictadura,
D'a pique ter mettido a nau do Estado,
Matando-a d'uma morte prematura...
Está ou não provado?

2.º

Que o réo é phyloxera que tem dado
Aos cofres da nação tremendo rombo,
Expondo a Parvalheira em resultado
De cima do trapesio a levar tombo...
Está ou não provado?

3.º

Que o réo é commandante disfarçado
Da Tribu que se chama ruminante,
E tem ha longos annos ruminado,
O bago que lh'intrega o Zé pagante...
Está ou não provado?

4.º

Que o réo, por mau governo tem creado,
E posto em pé de guerra esse partido
Que o throno traz deveras assombrado,
E já de muita gente é bem temido...
Está ou não provado?

5.º

Que o réo, se do pennacho emfim privado,
Não fôr, por uma vez, eternamente,
Depois de pôr no prego os bens do Estado,
Dá cabo do canastro a toda a gente...
Está ou não provado?

Apostolo da lei, sou obrigado
A dar-vos os conselhos da prudencia.
Inutil é dizer quanto é sagrado
O voto que deriva da consciencia.
Votae por ella. O mais a lei offende.
Está nas vossas mãos do réo a sorte,
É só do vosso voto que depende
Castigo ou salvação, a vida ou morte.
Eu cumpro o meu dever cumprindo a lei,
Agora, vós, senhores... respondei.

RESPOSTA DO JURY

Com a *esquerda* na consciencia,
E a *direita* no evangelho...
Proclamamos a innocencia
D'este nosso amigo velho.
Não achamos realmente
Nenhum crime ao accusado;
O Bobéche é innocente,
Nada d'isto está provado.

SENTENÇA

Em vista da resposta dos jurados,
Medida pela pauta da cobiça,
Antonio, vae com Deos e vae... á missa,
Rezar, pedir perdão dos teus peccados.
Mas lembra-te que os crimes perpetrados
Nem sempre fazem figas á justiça,
Que o démo tanto faz e tanto atiça,
Que pódes pagar novos... e atrazados.
Se acaso não pões termo ás comedelas,
O phrygio dá-te cabo das costellas.

Ó populo parvonorum,
Qui vedis lusitanorum,
Carus nostrum intrujorum. . .

JUSTIÇA DO POVO

. . . .

. . . .

Nos braços dos amigos, muito a custo,
Rompia o nosso Antonio em procissão;
Mas eis que já na praça, o *Zé Augusto*,
O padre-Carnaval da multidão,
De estylo causticante, ardente e justo,
Lhe chimpa na bochecha este sermão:

Ó popule párvalorum,
Qui vides lusitanorum
Carum nostrum intrujorum...
Attende clamorem meum!...

Eil-o emfim de frente a frente,
Triumphante, impenitente,
Entre os sete seus eguaes;
Entre os sete cuja casta,
É microbica e nefasta,
Como os peccados mortaes!

As honras do capitolio,
Para o rei do monopolio,
Que tudo empenhou nos pregos!...
Que foi rei por ter um olho
N'esta terra do repolho
De pitoscas e de cegos!

Mas Antonio, o mundo é vário;
Chegou-te emfim o calvario
Depois de muito triumpho!..
O fogo larga faiscas,
Se lá dentro ha muitas biscas,
Aqui fora ha mais um trunfo!

....

....

Agarrem-me esse demonio,
Deitem-lhe abaixo os calções.
De sulfureto carbonio
Soffra um cento d'injecções.

E p'ra que livre d'enguiços
P'ra sempre fique o thezouro,
Tirae-lhe os dentes postiços,
Que elle trás em chapa d'ouro.

E o dentista que se atreva
A pôr-lhe dentuça nova,
Uma dose egual receba,
Augmentada d'uma sova.

Seja na minha presença,
Executada a sentença.

ANTONIO ACORDA

A victima, ao sentir do instrumento
O bico penetrante,
Soltando das cavernas um lamento,
Trez voltas dá na cama;
Urra, braveja, clama,
Sobraça o travesseiro...
E acorda n'esse instante
Suppondo ser o caso verdadeiro!
Mas não, foi tudo sonho,
Visões, phantasmas, medo;
Será certo... supponho,
Mais tarde; agora... é cedo.

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

	Pag.
No espaço	4
Que a patria agradecida, etc	12
A Propina	18
O Empenho	20
O Voto	22
Orgia	26
O Zumbaia	30
O Matta da Finança, etc	34
Scismando com pesar, etc	36
Escuta, ó Confraria, etc	40
Um lugubre phantasma, etc	44
Salve-se quem poder, etc	48
Depois d'impôr silencio, etc	50
Callosa a mão lh'estende, etc	56
Arranca do chanfalho, etc	62
Mas eis de cada canto, etc	68
Na rocha a pobre náu, etc	76
Antonio, mergulhado em reflexões, etc	104
Sceptro e c'rôa esborrachados, etc	110
Sou philoxera que chupa	114
Agricultura	118
Mestre-escola	122
A Industria	126
Reliquia do Mindello	130
Tribu ruminante	139
Ó popule parvulorum	153

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.